**FERIADO**

R. GROFF

v 1.1

(Conto finalizado)

- 1 -   
*WALTER*

COM MUITO CUIDADO Walter Flynn estacionou sua nova *pick-up* na vaga do posto de gasolina. Era um dia cinzento e as poças no chão indicavam que a chuva de ontem fora intensa. O velho desligou o carro e deixou-se relaxar um pouco no banco; tinha que pegar a estrada em breve, mas viu em seu relógio que podia matar uns quinze minutos que não iam fazer falta. Ele virou o espelho retrovisor para si e lá estavam suas novas olheiras profundas que estava começando a se acostumar; mas em seus olhos não havia mais medo ou culpa — já conseguira deixar isso de lado dois meses atrás e não seria agora que voltaria atrás. Já estava tudo feito e até enterrado. Olhou-se e deu-se conta de que estava muito sujo para sair na rua, mas se iria voltar a aquele inferno levaria alguma coisa para comer. Abriu a porta (o frio de cinco graus lhe torceu o nariz junto com um xingamento automático) e foi caminhando até a parte de trás para conferir mais uma vez o conteúdo que estava coberto por uma lona azul no reboque. Não fosse por aquela maldita tempestade, estaria livre de um peso a menos no seu carro e de outro a mais na cabeça, o qual evitava de pensar a todo custo. Imediatamente tomou o resto do vidrinho de uísque em um único gole flamejante, descendo as coisas ruins para sua barriga enorme de bombeiro aposentado.

Flynn atravessou a rua rapidamente, e subiu o trecho de escadas entrando no *Super Saver*. Pegou uma cestinha verde na entrada, passou pelos caixas, atravessou pela galeria de doces e foi direto para a seção de carnes. Pegou alguns bifes e três porções de batata-frita. Por um instante sua rotina absorveu seus pensamentos, e ele não pensou mais em tudo que havia acontecido na última semana, depois da tempestade.

Observou as batatas-fritas com um meio sorriso matuto de dentes amarelos. Seus olhos então procuraram sozinhos como cachorros de rua esfomeados pelas bebidas, que estavam a poucos metros dali aproveitando a proximidade com o frio. Juntou duas garrafas com certa satisfação. Foi caminhando até a placa que indicava com uma seta o caixa separado. Virou pelo final da esquina dos destilados, e entre um estande de cervejas estacou ali olhando fixamente o rapaz de uniforme cinzento que estava trocando uma nota de vinte. Culpa e constrangimento lhe arrebataram. Flynn deu um passo desajeitado para trás. Na mesma hora o jovem o reconheceu, parando tudo que estava fazendo. Para o homem que esperava o troco impacientemente, o ex-capitão da brigada parecia um velho tonto com olhar idiota, dando a entender que fizera algo dentro de suas calças jeans, que por sinal estavam bem sujas de uma terra marrom escura. Os dois no caixa viram então o velho conseguir dar meia volta um tanto desajeitado.

“Merda!” resmungou Walter entre seus dentes cerrados.

Caminhava agora apressado, largando suas garrafas em qualquer lugar da estante dos destilados como se aquilo estivesse em fogo. Entrou no caixa onde dizia *Gestantes e Idosos* largando sua cesta e tirando uma nota de vinte de sua carteira. A atendente lhe devolveu o troco com um sorriso azedo, pois o velho fedia a cigarro e estava sujo. Aquelas rápidas mãos, que tinham terra preta embaixo das unhas compridas pegaram as moedinhas jogando-as rápido no bolso da calça. Flynn olhou por seu ombro e viu um rosto erguido por entre as galerias lhe procurando. Apressou-se um pouco mais e foi embora, abrindo a porta e saindo para a rua no frio daquela manhã. Walter voltou-se por cima de seu ombro para o *Super Saver* e viu o jovem de braços cruzados a lhe desafiar com os olhos.

“É muita cara de pau sua vir aqui, velho fodido!”

As pessoas de dentro do mercadinho se aglomeravam na porta para ver o que estava acontecendo. No meio da rua, Walter rebatia palavrões com gestos obscenos enquanto caminhava de costas. Um senhor no mercadinho viu que Walter não estava prestando muita atenção ao movimento na rua e começou a bater com sua mão aberta na janela tentando avisá-lo do perigo iminente. O rapaz gritava de volta outros xingamentos terríveis que fizeram uma pequena criança chorar. Outras pessoas se juntaram ao senhor do mercado e batiam na janela tentando chamar a atenção do senhor atravessando a rua. O bombeiro aposentado balançou sua cabeça negativamente desistindo daquela batalha de palavrões e então virou seu corpo para rua em um último passo fatal.

Walter conseguiu apenas segurar sua respiração em uma golfada antes de um carro lhe atingir pelas pernas, rolando-o pelo teto como um animal de estrada. O jovem que gritava silenciou-se levando suas mãos à cabeça e uma mãe atrás do vidro do mercadinho abraçou sua criança colocando sua mão forte nos olhos da pequena. Depois que o barulho surdo e seco de seu corpo chocando-se com o veículo misturou-se com o de vidro quebrado, Walter, com sua testa cortada pelo limpador de pára-brisa, virou seu corpo ainda sem dor ao mercadinho onde pode ver a história repetir-se novamente. Três anos atrás, em alguns segundos de desatenção ao volante por derrubar café em seu colo, ele atropelara a mãe daquele rapaz em alta velocidade na frente do mesmo supermercado onde ele trabalhava. Depois de todo o circo da polícia, que tentava conter uma multidão enfurecida que gritava por vingança, a ambulância só teve o trabalho de levantar o corpo e jogar um lençol por cima tentando esconder a cabeça que fora esmagada no impacto. Walter viu o lençol aos poucos se tornar vermelho, enquanto voltava a fumar depois de sete anos sem o vício. O que mais lhe atingiu foi o fato de que não realmente precisava de nenhuma porcaria de café naquela manhã. Após cuspir um punhado de sangue e antes mesmo de compreender a total extensão do acontecido perdendo os sentidos (a escuridão aproximava-se em sua cabeça), o que lhe restava de lucidez lhe gritava que precisava estar na estrada imediatamente. *O que estava feito, estava feito.* Voltando seus olhos para a rua, tentou entender por que diabos comprara toda aquela porcaria que agora se espalhava pelo asfalto. Sentiu um início de dor junto com a compreensão de que mais uma vez um capricho o tinha afundado ainda mais em desgraça.

Do chão onde estavam marcas novas de pneu, Walter via seu pé esquerdo cinco metros dali, ainda com seu tênis vestido numa trilha vermelha. O toco da canela exibia algo amarelado que ele sabia que era seu osso. Não conseguiu coragem para olhar sua perna, e então tudo foi desmoronando rápido de uma vez só. Sentia-se minúsculo à força do destino, com rumos feitos nas pequenas coisas que ninguém se importa nos momentos decisivos em que tudo está em jogo.

O diabo realmente morava nos detalhes, e agora lhe abraçava com força no escuro.

*- 2 -*

*JOEL*

O capitão recebeu a notícia melhor do que qualquer um do regimento esperava. Joel (que ocupou o antigo posto de seu próprio pai), dizia com convicção que os Flynn tinham o fogo da brigada até em seus cabelos ruivos. Antes de entrarem nas casas, fábricas, e depósitos ardendo até teto, pai e filho olhavam-se em sorrisos como se fossem participar de alguma gincana. Tudo isto fora antes do acidente de Walter matando a moça ao descuidar-se no volante, e muito antes de o velho capitão literalmente afogar em doses diárias as chamas do inferno de culpa em sua cabeça. Com o telefone apertado forte em sua orelha, Joel ouvia outro bombeiro gritar ao telefone da ambulância em meio ao sinal sonoro uivante, enquanto a seu lado um enfermeiro rápido e atento ao lado desamarrava o sapato do pé perdido de seu pai dentro de uma bacia de ferro branca salpicada de sangue. Ao lado estava um pequeno isopor cheio de gelo com o selo TRANSPLANTE.

Flynn aguardou sua vez de falar com uma mão em sua boca.

“Estarei esperando lá.” Joel conclui e desligou o telefone.

O bombeiro Reggie olhava forçadamente para seus sapatos à porta da garagem onde o grande vermelho repousava para a próxima chamada. O capitão voltou seus olhos para o outro, que estava a esperar alguma reação sua. Como o outro nada dizia, Joel devolveu um aceno de descansar.

“Estamos com seu carro pronto, Joe.”

“Obrigado. Assuma até eu voltar do hospital. Lewis também deve estar voltando em pouco tempo; veja se o vermelho está em condições, têm muita gente explodindo as calefações nessas...”

“Vá ver seu pai, Joe. Nós assumimos os fogos por hoje.”

O capitão saiu pela porta sem falar nada e o outro agradeceu pelo silêncio coçando o lado esquerdo de seu nariz, enquanto mordia seu lábio inferior. Joel sabia que não era o mais comunicativo de todos ali do quartel, mas mesmo com suas cortinas fechadas aos outros mantinha seu diálogo interno incessante. Depois de tantos anos levados por conversas ainda com os cabelos das orelhas e de seus narizes ardendo dos incêndios, ele sabia que havia três tipos de pessoas dentro de cada um, mesmo que você não fosse um bombeiro: quem você era em casa; quem você era dentro do quartel e quem você era dentro de uma casa em chamas pronta para explodir com o cú na mão. Ele achava que se tudo fosse feito com a urgência, atenção e preocupação da última você teria uma boa vida, nada passaria sua guarda. Alguns achavam que era possível manter-se no quartel com toda aquela disciplina e foco; e em alguns casos era verdade, mas mesmo ali aquela importância das vidas em jogo perdia-se em xingamentos mútuos e afirmações de que isso ou aquilo não era de minha conta. Quando os fogos dos problemas da vida chegavam finalmente em casa, a situação era totalmente diferente, e em seu caso inutilmente irreversível.

O capitão ligou a sirene azul de seu veiculo e pisou fortemente no acelerador, tentando em vão deixar algumas coisas para trás.

“Ele está estável agora.” disse o médico.

“Posso vê-lo?” perguntou Joel enquanto os dois caminhavam pela área de emergência.

“Seja breve. Cada minuto conta nestas situações.”

Havia uma cortina entre Joel e seu pai, mas o cheiro forte que vinha de lá lhe parou por alguns segundos. A relação com seu pai vinha se deteriorando dia a dia nas ultimas semanas, e ele se questionou se não era melhor eles se encontrarem depois da cirurgia. Após a pequena hesitação, Joel abriu a cortina, mordendo seu lábio por causa do cheiro. Quando viu o vermelho forte no fim do toco que agora se tornara a perna esquerda de seu pai, aquilo o atingiu como um forte soco na cara.

“Ora, não fique ai parado feito um idiota.” disse Walter devagar e com muita calma.

Joel baixou sua cabeça e levou sua mão ao nariz.

“Dói mais do que parece.” disse Walter com grande dificuldade.

Houve um grande silêncio e então Joel aproximou-se e olhou a ferida mais de perto. Um outro enfermeiro aplicou mais uma injeção em Walter. Por fim, após olhar bem o rosto cansado e abatido de seu pai, Joel segurou sua mão e seu instinto família (adquirido por seus três filhos e esposa forte) derreteu todo o gelo e raiva que ele tinha antes de chegar ali, e ele sentiu-se culpado por tudo que tinha pensado no que dizer, face a gravidade do acidente.

“Vamos sair dessa. Isso não é nada.” disse Joel com tristeza e garganta em fogo em um nó apertado. A máquina ao lado registrava os batimentos cardíacos fracos de seu pai, e sob a luz branca forte evidenciava a ruína em que o velho bombeiro estava. Joel engoliu em seco e apertou a mão fraca dele, ainda fria e suja, com terra preta compacta debaixo das unhas, o que fez Joel a puxar um pouco para si, intrigado com aquilo. Nesse momento, com grande agilidade, Walter puxou seu filho bem perto de seu rosto sujo, e falou quase num sussurro.

*“C-Castle Rock. Pegue meu carro e vá para lá. Eu fiz... besteira.”*

O capitão olhou os olhos aflitos de seu pai bem de perto. Pela convivência de todos os seus anos com ele, havia uma inegável verdade, certeza e absoluta urgência neles, o que lhe fez engolir em seco.

"O quê?"

*“Me ajude.”* disse o velho escorregando para a cama, gemendo de dor. A força em Walter desapareceu, e ele fechou os olhos.

O enfermeiro gentilmente retirou a mão de Joel de seu pai.

“Vamos entrar agora. Você pode esperar na sala?”

Joel deu dois passos para trás. Seu pai e o resto de sua perna foram cobertos com um lençol e foram saindo pela ala de emergência, entrando em uma grande porta de vidro. O capitão tirou seu chapéu e viu o sangue no chão. Um forte pensamento acendeu uma luz em suas idéias: Walter nunca em sua vida admitiu ter errado ou se equivocado. Nunca ajudou na casa nos últimos anos. Qualquer que fosse o acontecido venceu a habilidade inata de seu velho nunca deixar de lado seu orgulho e de colocar a culpa nos outros. Fazia muito tempo que não ia para o chalé de pescaria em *Castle Rock* de seu pai, e um frio na sua barriga passou quando pensou no que poderia encontrar num lugar onde toda a semana Walter e seus amigos bêbados iam se encontrar fora da cidade e longe de suas esposas.

O capitão olhou o carro novo de seu pai, que apesar de aposentado ainda morava com eles. Fechou sua mão com força ao pensar nas dificuldades financeiras que eles estavam passando enquanto seu velho rodava com todo aquele luxo. Sua esposa Danna acenou do outro lado da rua, e ele acenou de volta. Isso não tirou a atenção de Joel do reboque da *pickup*, que ostentava um grande conteúdo envolto em uma lona azul. Com a chave, abriu a porta e entrou na cabine. Imediatamente achou os pequenos frascos vazios de uísque nas fendas da porta e outros muitos cigarros jogados por todo lugar. O cheiro de novo do carro misturava-se com o ranço generalizado de uísque e cigarro. Mesmo tendo apenas duas semanas de uso podia sentir o cheiro característico rançoso do quarto de Walter vagarosamente passando para os bancos. Abriu o porta-luvas e lá estava a chave da casa de veraneio em Castle Rock da família, usada unicamente nos últimos dois anos por Walter para “aproveitar” a sua aposentadoria. Ninguém se opôs, pois obviamente teria de limpar toda a bagunça antes de curtir o lago e a grande casa.

*Eu fiz besteira.*

“Com certeza pai, disso eu não duvido.” disse Joel enquanto colocava todo o lixo que encontrava em uma sacola de supermercado. Uma nota de compra lhe chamou a atenção, datada de hoje cedo, sobre um gerador de energia a diesel. O volume no reboque tornou-se óbvio. No chão do carro, havia muita terra. Joel pegou um pouco em sua mão, e lembrou-se das unhas de Walter. Abriu a porta, bateu o capacho no lado de fora escoando toda a sujeira. Pegou a sacola de supermercado e a largou num grande lixo ao lado.

Joel caminhou até o seu carro, atravessando a rua com cuidado.

“E então?” perguntou Danna.

“Era o lixo que imaginava. Acho que vou ter de passar em Castle Rock amanhã. Não sei ainda o que houve. Ele me disse que estava com problemas, e eu não quero nem pensar o que um gerador pode ter a ver com resolver qualquer coisa.”

“Mas e o nosso feriado?”

“Desculpe. Essas coisas... é a cara do pai, sempre problema.”

Danna aproximou-se do capitão. Ele parecia estar muito cansado e olhava constantemente no relógio, pois Walter sairia de sua cirurgia pelas quatro da tarde. Ela tocou a mão dele, e os dois encostaram suas cabeças.

“Vai dar tudo certo.” disse ela baixinho.

“Não agüento mais isso. Ele não tem mais idade.”

“Vou com você. Vai ser melhor. Deixaremos as crianças com a minha mãe.”

Joel beijou a testa de sua esposa e lhe afagou os cabelos.

“Eu te amo.” disse ele em um meio sorriso cansado.

“Acho que merecemos mesmo um fim de semana.” falou Danna enquanto os dois se abraçavam.

\*\*

“Estas estradas estão muito quietas.” falou Danna.

Joel continuava quieto. Ficara boa parte da noite anterior junto no quarto de recuperação cuidando de seu pai. Naquele silêncio tentou adivinhar se Walter não estava falando bobagens sobre o efeito da morfina, porém aquele gerador que encontrara junto ao carro era algo muito específico para ser desconsiderado.

*Não se esqueça da terra no chão do carro e nas roupas dele.*

A bebedeira de Walter desde o acidente sempre foi, ao menos, autodestrutiva. Ele não se tornara um homem violento com as pessoas ou de quebrar a casa. Parecia que sofria de uma sede terrível junto com uma vontade tremenda se sempre ficar vendo seus mesmos filmes de guerra. Era como se Walter gostasse da maneira previsível dos filmes. Sem nenhuma surpresa, Pearl Harbor era sempre invadida em alguma quarta-feira, e o aeroporto de Guadalcanal era sempre conquistado nos fins de semana. Em seus dias de glória, ele fora um dos membros honrados do “distrito do fogo” como ele dizia, com milhares de casas atendidas. Talvez a culpa de seu atropelamento tivesse lhe pegado em cheio junto com a terceira idade, e sua sede interminável era pela inevitabilidade de problemas insolúveis como o fim eventual de sua carreira. Ironia ou não do destino, agora seu pai teria de usar cadeira de rodas para o resto de sua vida, igual aos veteranos de seus filmes, destruídos pela guerra.

“Joe?”

“Oh sim, me desculpe.”

“Quer voltar? Vamos deixar isso de lado.”

“Não. Espero que seja tudo uma grande besteira.”

Postes de luz ao chão e casas destelhadas pareceram responder por que a estrada estava tão quieta. E então, um *flash* em sua memória apareceu. A pequena cidadezinha perto do lago nunca foi de ter tufões, mas Joel agora se lembrava de ter ouvido a notícia três dias antes do acidente sobre uma tempestade pela região.

“Oh, olhe a destruição desse lugar!” falou Joel.

Os policiais em uma barreira próxima faziam sinal para diminuir a velocidade, e quando o carro chegou próximo suficiente, Joel baixou sua janela e falou diretamente com alguém próximo.

“Castle Rock?” perguntou Joel.

“Sem luz. A maioria dos postes caiu. Com o feriado, temos pouco pessoal. Acho que só na semana que vem terminaremos o trabalho. Parece que Deus está zangado com essas bandas, nunca vi tanta destruição.”

Joel conduziu o carro pela outra via improvisada.

“Isso aconteceu semana passada. Walter estava junto comigo naquele dia. Ele simplesmente viu a tempestade no noticiário, pegou seu casaco e saiu de casa, sem dar nenhuma explicação, com muita pressa.” disse Joel quase falando sozinho.

Um carro o seguia despercebido alguns carros de distância.

\*\*

A casa ficava junto ao lago, com um píer pequeno construído em outros tempos pelo avô de Joel. Feita toda de toras de madeira grossa, a casa tinha um ar de Nova Inglaterra. O pequeno barco ainda estava lá, onde meia dúzia de pessoas podiam passar um dia de pesca tranqüila. Isso nunca aconteceu, pois aquilo tudo pertencia a Walter, que nunca foi muito de dividir as coisas. Pelo olhar dela, Joel podia perceber que ela odiava aquele lugar. Não podiam trazer os meninos para cá enquanto o pai de Joel estivesse vivo por causa do *direito* dele sobre a propriedade. Aquilo era extremamente frustrante, pois Walter também ficara tão senil nos últimos anos que eles não podiam o tirar de sua própria casa, pois sabiam que ele não iria se cuidar sozinho com o caseiro que era também outro bêbado de carteirinha. O asilo estava fora de questão pelo custo da saúde de seus dois filhos. Uma cena terrível veio em sua mente: Walter tentando subir a escada, arrastando-se pelo chão, degrau a degrau arrastando seus cotovelos até o segundo andar da casa, abrindo a porta do banheiro esticando sua mão até o trinco, tomando banho sentado no ralo em baixo do chuveiro. Toda a casa precisaria de ajustes e mais uma cadeira de rodas de trinta quilos com duas grandes rodas – e é claro, o barulho do abrir de muitas latas de cerveja junto com as risadas dos programas de TV por toda tarde.

“O que foi?” perguntou ela.

“Nada, só me dê a chave, por favor.” disse Joel com sua mão estendida, um pouco nervoso e impaciente.

A casa parecia fechada por muito tempo, e o cheiro de lá comprovava isso. As cortinas e venezianas nas janelas estavam completamente cerradas, como se a beleza do lago fosse uma inconveniência para a presença de Walter em suas idas e vindas. Joel tateou um interruptor e verificou a falta de luz.

“Vou abrir as janelas. Que desperdício de vista!”

Danna sentou-se no sofá e olhava curiosa por tudo. Haviam cabeças empalhadas de alce pelas paredes, junto com uma grande cabeça de urso colocada na viga principal que convergia da sala para a cozinha aberta. Sem dúvida o avô de Joel era ainda mais excêntrico que o pai. Os grandes sofás de couro amarelo estavam em bom estado, e seu olhar clínico de dona de casa notou que aquela parte da casa era limpa de vez em quando pelo caseiro pelo pouco nível de pó na mesa de centro. A lareira era grande e também bem cuidada. Havia lenha acessível por ali e pelas cinzas era recente. Pelo visto, o caseiro passava bastante tempo por ali, com ou sem Walter, o que deixou-a intrigada. Sentou-se no sofá de couro e a almofada foi se encolhendo, em um macio que ela nunca tinha visto, o que lhe fez sorrir.

Joel sumiu da vista de sua esposa enquanto ela redecorava toda a sala de estar em sua mente, dando voltinhas pela mesa de centro sonhando acordada.

O capitão da brigada 56 sabia exatamente onde procurar. Walter nunca gostara da parte da frente da casa. Seu pai gostava do grande porão, construída para ser alguma enorme adega em uma das fantasias inacabadas de seu excêntrico avô.

O nariz de Joel sentiu o odor característico de bebedeira ao descer os degraus finais. Havia uma lamparina de óleo bem ao alcance, sem dúvida um indicio que aquela parte da casa estava sendo usada recentemente. Flynn tirou seu isqueiro do bolso – ainda fumava escondido, nada que duas pastilhas de menta não pudessem esconder seu hábito antigo da faculdade. A chama da lamparina brilhou e ele adentrou no local escuro.

Walter mantinha suas coleções naquele enorme espaço que os antigos sonhos do avô de Joel esperavam preencher, mas o infarto súbito e certeiro aos quarenta e oito impediram. Walter começara com cartões de beisebol em moldurinhas de pé como um time pronto para o jogo; depois vieram armas antigas, machados, espadas, bestas, escudos e arcos. Réplicas de carros antigos conviviam junto com esculturas talhadas em madeira, algumas egípcias e outras africanas. Walter apreciava muito figuras de cães, e por todas as prateleiras haviam cachorros, curiosamente posicionados como em um estado de alerta defendendo seus territórios. Mais distante por ali havia tanques de guerra, helicópteros, aviões e soldados de chumbo em uma guerra constante. Alemães e aliados, russos e japoneses. Em um quadro separado, uma *Ruger* verdadeira dava um tom mais de seriedade, como em um aviso que aquela fantasia tinha sim um lado muito real.

Não obstante a todos aqueles itens, o cheiro de cigarro era o que realmente se destacava, e pela poeira nas prateleiras, as coleções e memorabilia estavam em último lugar na mente de seu pai.

Flynn passou pela sala de colecionáveis, e viu naquela penumbra o segundo nível do porão o que parecia ser uma TV velha com um sofá. A fraca lamparina mal iluminava por onde ele estava, e o frio do porão pela umidade lhe fez sua respiração formar uma fumacinha em sua frente. Ele apertou instintivamente seu casaco na parte da frente.

O capitão desceu a pequena escadinha de três degraus em concreto e sua lâmpada mostrou claramente pedaços de chão quebrados e escorados aos cantos daquela sala, com um pedaço marrom muito descoberto, grande o bastante para lhe assustar. Havia terra por toda a parte, espalhada até no tubo enorme da televisão velha. Não bastou muito para Joel perceber o que estava vendo, e com mais de quinze anos de serviço não era a primeira vez que via uma cova rasa.

Joel encostou-se na parede olhando horrorizado, sem saber o que fazer. Seus olhos iam do chão ao teto erráticos, tentando ajustar-se à figura mental de que havia alguém enterrado ali no chão. Em lerdeza paralisante, tateou pela parede e achou a cordinha da persiana da janela pequena daquele porão, que ao puxar, e mesmo com a luz fraca daquele dia cinzento de sol, mostrou toda aquela terra preta revirada e os blocos de concreto quebrados pelos lados. Junto ao horror da sepultura aberta que lhe observava como um olho fechado, viu também um container negro com uma parte retangular de vidro verde no meio encostado ao lado da televisão. Por alguma razão, não tinha terra perto daquilo. Ajustando seus olhos à penumbra, podia ver que era feito sob medida, lembrava algo um tanto militar, de pintura opaca e grandes parafusos, mas tinha um acabamento realmente distinto, junto com muitos arranhões visíveis pelos lados, mostrando seu metálico prata original de fundo.

Voltando seus olhos ao chão, ele ajoelhou-se ali incrédulo, e tocou na terra que era igual às que existiam nas unhas e carro de Walter.

*Tem algo enterrado ali em baixo. Pela terra mexida, é recente. O que é isso, oh meu Deus.*

De cócoras, sentiu o cheiro mortuário perto da terra, característico destas desovas de corpos. Piscou os olhos e em sua mente viu mais uma vez seu pai e o toco ensangüentado.

*Não, não, não, não!*

Joel perdeu o equilíbrio e sentou-se ali, com suas duas mãos na cabeça. Neste momento, o caseiro vai descendo a escada, de forma pesada. O capitão se levanta e encosta-se na parede enquanto o outro velho anda devagar, com uma respiração chiada. A dois passos do capitão, o caseiro pára e olha melhor.

“Walter?” diz o velho assustado, pois seus olhos estão mostrando algo que ele não esperava.

“Senhor Gretzky.” disse Joel com autoridade saindo da parede e ficando na frente dele. Sua voz treinada de quartel fez o outro diminuir-se arqueando seus ombros de forma automática. A voz imperativa de Joel ribombou por todos os cantos do porão.

*“Joel?”* grita a esposa do capitão um pouco aflita lá de cima.

“Danna! Fique aí.” disse Joel, puxando o caseiro pelos cabelos brancos encaracolados e o apertando contra a parede. O velho, que fedia a bebedeira, urina e sovaco em níveis que Joel desconhecia serem possíveis em um ser humano, gemeu e gritou.

“Por favor, eu não fiz nada! Eu não fiz nada!”

“Você sabe o que tem ali, senhor Gretzky?” disse Joel novamente em ordem de comando, trovejando pela sala e apontando para a terra remexida no chão. O velho apoiou-se no último degrau da escada, sentando muito desajeitado. Joel cruzou seus braços, aguardando a reação do caseiro.

Danna desceu pela escada assustada e, tentando ser rápida, correu pelo escuro dali trombando em uma cadeira, fazendo um grande barulho. Ela viu a terra, o concreto e assustou-se.

“O que é essa confusão? O que está... a-acontecendo?” disse ela olhando ao redor e levando a mão ao nariz pelo fedor dali.

*- 3 -*

*GRETZKY*

Por um longo tempo, Harold Gretzky, negro e esguio em seus quase setenta anos com cabelos brancos ficou apenas ali sentado. Fixava-se a observar as paredes do porão e por ali ficava quieto, em frente a presença forte do filho do ex-capitão, que parecia lhe devorar com os olhos em um misto de raiva e estupefação.

“Antes de arrastar seu traseiro até o carro e lhe levar até a delegacia mais próxima, você vai me dizer o que aconteceu aqui. E eu sei quando as pessoas mentem, então não tente nenhuma merda comigo. Agora você não é mais um conhecido, e sim um suspeito. Quem está enterrado ali?”

“Joe, é por isto que viemos para cá? Você já sabia disso?” perguntou Danna, começando a soluçar ao perceber coisas que ela não queria entender. Ela sabia que agora seu marido transformaria-se em um agente da lei, e ele seria implacável como isto exigia, o que a assustava sempre quando ele voltava para casa, com olhares para o nada, tremedeiras nas mãos e histórias de arrepiar.

“Alguma coisa. Vamos senhor Gretzy, agora levante-se!”

O capitão levantou o caseiro e a névoa de mau cheiro que vinha junto com ele. Encostou-o na parece mais uma vez. Pegou a lamparina do chão e a levou ao rosto dele. Havia respingos de sangue espalhadas.

*Pelo padrão, média velocidade de respingo* registrou sua mente treinada.

Joel desceu a lamparina, e foi vendo mais e mais centenas gotas pequenas e secas na roupa imunda fazendo algumas linhas curvas.

*Múltiplos traumas cortantes?*

O capitão sentiu um frio no estômago enquanto sua mente analisava a situação, pois antes de ser bombeiro quisera ser um investigadores de cenas de crime.

*Tem algo muito, muito errado por aqui.*

Ele tirou a lamparina do velho, pois também não queria ver mais nada antes de saber a sua história.

“Filho, eu não sei nem como começar.” disse o caseiro.

“Não minta para mim filho da puta, eu sei quando vagabundo mente, tenho um em casa mentindo para mim todos os dias e eu sei todos os trejeitos e olhares. Não me faça perder meu tempo!”

Gretzky olhou para baixo, e depois para a esposa do capitão, que virou seu rosto em vergonha. Por fim, seus olhos encontraram o container encostado ao lado da TV, e ele escarrou no chão sonoramente, como sua educação humilde o tinha ensinado.

“Começou com uma merda de aposta. De seu pai, obviamente. Velho fodido, sempre competindo.”

\*\*

Era um dia de sol e eles estavam dentro do barco, a uma distância do píer onde a casa de veraneio cabia dentro de sua mão. Cada um com seu balde, e dentro deles nenhum peixe. Ao lado um isopor cheio de cervejas e gelo.

“Vamos voltar. Hoje tá difícil.” disse Harold Gretzky cansado.

“Volte você. Pula aí na água, quem sabe acorda os putos.” disse Walter mastigando um palito e coçando a barba vermelha e espetada.

Como uma destas ironias do destino, automaticamente a linha de Gretzky puxou rápido, e ele riu debochado.

“Filho da puta.” disse o capitão devagar num misto de raiva e inveja. Harold pegou o caniço, e com destreza de cinqüenta anos de pescador nas costas puxou e girou, xingou, bufou e cuspiu; colocou a bota no barco e vergou a vara e soltou, fazendo isto repetidas vezes junto com um sorriso no rosto.

“Vai perder, passa para cá!” disse Flynn se aproximando.

“Não, não. Esse aqui vai para o crioulo doido, não te mete peido velho.” falou Gretzky sério brigando com o peixe.

“Crioulo doido.” resmungou de volta, cuspindo o palito na água, e puxando a sua linha. Pegou mais iscas, e trocou o anzol. Enquanto isso, Harold tirava uma truta grande, e com a faca rápido já limpava o bicho, cortando a cabeça e tirando as tripas, colocando o peixe limpo no balde. Walter, com uma careta, gingou e largou a nova isca na água.

“Cem pratas que pego o segundo mais rápido que você.” falou Flynn com a nota pronta na mão.

“Você disse que ia parar com essas merdas, véio de merda.”

“Deixa de ser cagão. Sério, será que eu sou o único que tem bolas na porra desse barco?” falou Walter.

“Desconta do que você me deve, então.”

“Trapaceado não vale, seu cú cheio de merda.” retrucou Flynn, ficando vermelho que nem seus cabelos foram nos seus dias de glória.

Por um bom tempo eles ficaram discutindo e relembrando apostas anteriores não pagas por ambos. No fim, era isso o que eles faziam. Viver da memória e se distrair no presente, junto com todos os remédios nas suas bolsas e as cervejas na cabeça anestesiando as outras horas lerdas do dia. O barco ficou no mesmo lugar, testemunha de grosserias e barbaridades que dois velhos que nada tinham a perder falavam sem parar, provavelmente assustando os peixes ao redor. O tempo passou rápido, e nuvens pretas vieram. Os dois colocaram seus chapéus e continuaram por ali emburrados, com a chuva caindo, e nenhum deles desistindo da aposta. Ao som dos trovões, Walter falou, com seu balde ainda vazio.

“Malditos filho da puta. Vou vender esse barco, *tô* falando sério.”

“Mas o que é isso?” disse Harold, se levantando e apontando ao céu, que por todas as bandas ao redor já se viam os relâmpagos se amontoando e indo de nuvem em nuvem clareando o céu.

“Tá baixo demais...” complementou Flynn vendo o pequeno avião que o caseiro apontava.

Um raio certeiro cruzou o avião, num espetáculo de luzes e barulho, fazendo um rugido alto que ecoou pelo lago até a casa. A asa esquerda partiu-se como se fosse de brinquedo, e o resto do avião foi caindo lentamente para os dois no barco, mas em vertiginosa queda livre. Walter imediatamente largou a vara de pescar, e subiu no deck, ligando o motor e acelerando o barco na direção onde o avião estava caindo. A chuva foi aumentando. Harold segurava seu boné, olhando para o avião que caia perto dali, apontando para ele em sua vertiginosa e acelerada descida.

“Ele tá indo para a parte funda!” gritou Gretzky.

O resto do avião com a cabine e o piloto caiu a quase cem metros deles em um barulho grave de estouro. Levantou uma onda, que balançou o velho barco. Walter foi indo mais perto até lá, devagar.

“Você tem de entrar lá.” gritou o capitão para o caseiro.

“O quê? Tá maluco?”

“Pega o salva-vidas. Alguém deve estar lá trancado!”

O resto do avião foi virando de banda. A asa traseira tinha se rompido e soltou-se, indo direto para o fundo do lago. Gretzky olhou a situação, e vislumbrou alguém ali dentro se debatendo. Sem muito pensar, pegou o pequeno bote vermelho e branco e jogou-se na água. Flynn ajudou-o a colocar o salva-vidas.

“O piloto tá vivo, põe rápido essa porra ai.” falou o caseiro, xingando e tentando fazer tudo muito rápido.

Com mãos frias e ágeis, o ex-capitão da brigada vestiu Gretzky com o salva-vidas laranja, e então o caseiro se jogou desajeitadamente na água gelada. Quando o frio atingiu sua barriga e peito, Harold gemeu em meio aos trovões, e começou a nadar devagar até onde o avião parecia debater-se em suas últimas convulsões. Gretzky se aproximou lentamente, e viu o piloto bater no vidro enquanto seu interior enchia-se de água. Enquanto isso, a cabine do pequeno avião mostrava sua porta traseira, que parecia entreaberta, com uma fenda de folga. Harold foi até ali, e tentou puxar a porta com grande dificuldade, sem conseguir mover um milímetro.

“Venha para cá!” gritou o caseiro ao piloto.

“Estou preso! Me ajude!” gritou o outro de volta pela fenda, enquanto a água ia entrando sem parar.

Gretzky viu que não tinha forças mais para puxar. A água entrava sem parar pela fenda e o avião foi emborcando cada vez mais, girando para frente pelo peso do motor e do próprio piloto, que agora gritava em pânico. Gretzky olhava tudo passivamente tremendo de frio. Observou lentamente o piloto afogar-se, batendo com sua mão na porta em desespero. Quando o piloto parou de se debater, e ele estava decidindo sair, a portinhola de trás cedeu pela força da água que entrara, e com a abertura Harold pode então escancarar a porta completamente. Gretzky entrou um pouco dentro da cabine, o máximo que seu instinto de segurança o permitia, vendo inutilmente o corpo do piloto descendo e a água subindo de forma alarmante. Ali dentro havia um container esquisito, de aparência militar, e o caseiro se aproximou.

O que viu pelo visor verde o fez tremer dos pés a cabeça.

Walter, já de salva-vidas colocado, gritava de seu barco por Gretzky, que aparentemente estava afundando junto com os escombros do avião. Ignorando toda a dor nas costas de ter ficado sentado a tarde inteira pescando, Flynn jogou-se na água, e foi nadando com sofreguidão, se aproximando do desastre que já emborcava em seus momentos finais. Foi então que ele viu os cabelos brancos do negro velho saindo pela portinha, e se apressou até ele. Harold parecia ter os olhos esbugalhados, e fazia uma enorme força puxando algo do avião, envolto em tiras em seus braços.

“Me ajuda aqui, seu merda!” disse Gretzky fazendo grande força.

O capitão foi até ele, e os dois puxaram o container, que agora boiava para fora da água.

“E o piloto?” perguntou Flynn.

“Morto.” disse o caseiro, sem tirar os olhos ansiosos e assustados do container.

“Mas que diabos é isso?”

“E-eu não sei dizer o que é.” respondeu o caseiro ofegante. Depois de Walter olhar pelo visor verde do container, ele entendeu porque Harold estava branco de susto. Os dois se fitaram por algum tempo ensopados e tremendo de frio enquanto o resto do avião atingia o fundo barrento do lago.

Sem uma palavra a ser dita, eles subiram o container aos trancos e barrancos para cima do barco.

\*\*

“O que isso tem a ver com esta cova aqui?” perguntou o capitão, tentando ignorar que atrás de todo aquele fedor havia algo mais terrível, que lhe lembrava quando precisava ir ao necrotério municipal conferir corpos.

“Tem tudo a ver. Foi essa merda que começou tudo. O senhor perguntou e eu *tô* tentando responder.” disse Harold nervoso.

“Quando aconteceu tudo isso?” perguntou Joel.

“Dois ou três meses atrás, minha cabeça não é boa.”

Danna estava agora junto ao capitão, assustada.

“Três meses! Três meses de mentiras, inacreditável!” reclamou Joel.

“Onde está Walter?” perguntou o caseiro.

“No hospital. O que tem dentro desta coisa?” perguntou o capitão, esticando o braço, apontando para a caixa metálica.

“Eu não sei dizer. Melhor você ver por si mesmo”.

“Espere aí.” ordenou Flynn.

Danna e Joel foram lentamente contornando os pedaços de concreto e sujeira ao que originalmente seria uma sala de estar de degustação de vinhos, mas que agora mudara de local para bêbados a ocultação de cadáver em poucos meses. Conforme ele caminhava por ali, o capitão ficava cada vez mais apreensivo com o tamanho do buraco, que com certeza não serviria para apenas um corpo.

O casal alcançou a televisão de madeira velha e suja, e Joel arriscou uma olhada pelo visor. Ele gritou forte e rápido, e Danna juntou-se a ele em gritos horrorizados após olhar pelo vidro.

Após uma forte estupefação, Joel virou-se para Gretzky.

“Isso é algum tipo de brincadeira?” falou o capitão ao caseiro, incrédulo e engolindo em seco com a loucura que via, enquanto Danna rezava e chorava apertando o braço do capitão em medo.

“Me responda!” disse Joel nervoso.

Gretzky voltou a falar, enquanto Danna virava seu rosto e escondia sua face nos ombros de Flynn, tremendo um pouco em sua boca.

“Depois do primeiro choque, onde você dúvida até mesmo se está sonhando ou não, é que se pode ver melhor a criatura. Tive de tomar três aspirinas por causa da força que tivemos de fazer, e mesmo tonto essa coisa é de arrepiar. Este treco de metal pesa muito, quem o criou o fez pra não quebrar. Horas depois com esse metal na sala, eu tinha dificuldade em acreditar na loucura que estava na nossa frente.”

“Fizemos um fogo, assamos umas carnes, quietos e cagados de medo, mas ao mesmo tempo, não posso negar: a coisa era magnética, de ver e não acreditar, não importando quantas vezes você olhasse de novo. A cabeça da gente nunca foi boa, e colocando na sua frente uma prova que algo tão horroroso possa existir, fascina e assusta. E então, um *bip* começou a apitar. Walter quase foi a loucura, e deu um pulo alto enquanto eu gelava no canto querendo entrar na parede. Sou homem feito na lida dura, mas mesmo assim não consegui mexer nem um dedo. O barulho foi ficando mais seguido e estridente, e o velho Flynn encontrou um marcador de temperatura direto no vermelho. Uma outra luz apitava, e tinha um texto embaixo dizendo BATERIA. Seu pai apalpou por tudo ali desesperado, e enfim achou uma corda em baixo para ligar a coisa na tomada. Minutos depois, tudo parou, mas foram os minutos mais longos da minha vida. O marcador voltou ao verde, e não teve mais nenhum barulho.”

“Depois disso, acho que conseguimos começar a falar. Walter dizia que era coisa do governo, porcarias de outros planetas, ou mesmo de Roswell e todo aquele circo infeliz da força aérea. Eu não tinha dúvida nenhuma: essa coisa vinha do inferno. Você sabe que eu sou cristão, e eu acredito que se existe um céu, precisa ter a turma do outro lado – e se *aquilo* estava ali, de uma monstruosidade óbvia, então confirmava sim que temos chance de salvação. Eu fiquei eufórico de uma hora para outra ao perceber isso!”

“Seu pai disse que eu era mais um destes cagões do mundo, mas que merda ele sabe sobre qualquer coisa? É muito fácil dizer foda-se, cada homem por si e encher a cara. Meu pastor estava certo, e eu sou sim a porcaria de um homem fraco, pecador. Bebo sim, e muito. Sempre fui sozinho, nunca acertei esposa e olha que eu tentei até três vezes. Dentro desta geladeira do inferno é a prova que o demônio existe, e da mesma maneira, Deus todo poderoso também existe. Precisa existir!”

Joel olhou com a lamparina o container. Não havia algum mecanismo de abertura, só rebites soldados fechando tudo como uma casca de noz. Qualquer que fosse o destino da coisa estava selado ali dentro, o que lhe deixou um pouco mais seguro.

“Joel, e-eu não quero v-ver mais i-isso.” disse Danna de costas ao container, gaguejando e olhando para a fraca luz que vinha das pequenas janelas do porão.

“Não tem como abrir. Está soldado por fora.” disse Joel ao caseiro.

“Foi seu pai que fechou o filho da puta aí dentro.” respondeu Harold, fumando o cigarro até o fim, e depois o apertando com o sapato.

\*\*

Naquele domingo, e mesmo passando a noite em claro fumando quase todos os cigarros que tinham, os dois velhos desceram o container para o porão nas primeiras horas de sol. Depois de toda aquela discussão, a única coisa em que podiam concordar era de que tinham de esconder a coisa. Toda a situação era tão intensa em suas mentes, que o piloto e o avião foram completamente desconsiderados e esquecidos. Todas as janelas da parte de cima da casa foram fechadas, e eles preferiam ficar no frio daquele porão. Ao lado da televisão de madeira, a criatura estava lá, congelada no tempo e sendo observada todos os dias, como um troféu macabro.

O tempo foi passando, e a curiosidade foi crescendo junto, pois o pequeno visor só mostrava parte da monstruosidade. Podiam ver que a criatura era pequena, talvez um metro e meio, e no container havia uma fechadura junto com um cadeado fácil de abrir. Junto com as noites mal dormidas, eles discutiam teses de por que o pequeno demônio tinha sido posto dentro do metal. Walter dizia ao caseiro que aquele cadáver extraterrestre era preservado para outros cientistas poderem estudá-lo. Harold era muito mais pessimista, e dizia que aquela caixa era uma prisão para a criatura, como um réptil fica vivo mesmo congelado.

Dos dois, o caseiro era o único que ainda tinha medo verdadeiro da criatura, pois acreditava que a coisa ainda estivesse viva, enquanto o velho sardento capitão ficava fascinado com a múmia espacial que eles tinham em mãos. Aquele tesouro contrastava demais com as coleções de armas, figurinhas de beisebol e cães que Walter mantinha ali por perto, agora pífios em relação ao monstro na caixa. Flynn constantemente lembrava que aquele cadeado não seria muito problema, que tinha as ferramentas e que era tudo extremamente seguro.

Durante o resto do tempo, os baldes com cerveja e gelo estavam sempre em movimento entre os dois, enquanto o caseiro continuava trapaceando o lerdo capitão nas cartas, que reclamava sem parar de seu azar tremendo na vida. Mas os olhos ansiosos de Walter ocultavam o que o velho caseiro temia: uma obsessão incrível. Flynn mantinha um bloco de notas sempre perto, onde escrevia e rabiscava desenhos e teses sobre a criatura. Quando Walter voltava para a cidade durante a semana, Gretzky tinha a real noção do que havia dentro da cabeça do ex-capitão ao ler aquelas páginas de maluco.

\*\*

O caseiro cuspiu no chão e recomeçou a falar.

“Era um sábado, e eu dormi mais que devia. Levantei, fiz um café e pela janela vi o carro estacionado. Algo dentro de mim pulou feito um gato e acho que tive uma dessas, como se diz, revelações? Sim, meu senhor, eu sai correndo, perdendo chinelo e tudo, e entrei pela porta, que não estava nem trancada. Da escada eu vi Walter debruçado sobre a caixa, junto com uma marreta. Comecei a gritar, mas pela careta de loucura dele ele não deu a mínima. *O demônio do espaço* seu pai gritava enlouquecido sem parar. Levantou a marreta três vezes, e na quarta vez, quando eu já estava conseguindo alcançá-lo, o cadeado forte cedeu.”

“Vimos a coisa horrenda por inteiro. Ali dentro têm lâmpadas extras, igual a um refrigerador. Seu pai pulou para trás e começou a gritar em êxtase e também em pânico, talvez parecido como os índios faziam em transe. Eu não quis olhar, e ele gritava para ver a coisa, alucinado. Eu olhei de canto, e confesso que me borrei nas calças. Estava enrolado em si numa pose terrível, de boca semi-aberta e com garras enfiadas no gelo. Não era desse mundo, seja do espaço ou pelo inferno, eu não me importo mais.”

“Walter já tinha tudo preparado, aquele filho da puta. Ao lado vi um tripé e ele tirou uma máquina fotográfica de uma sacola. Eu falava e ele ignorava, me chamando de crioulo trapaceiro do inferno o tempo inteiro, o que me deixou louco da vida. O cheiro de podre ficou impregnado dias aqui na sala, enquanto eu tive de limpar toda a confusão.”

“E vocês tiraram uma foto?” perguntou Cassy.

“Sim, ela está ali em cima da televisão. Depois desta maldita foto, Walter percebeu a loucura que estávamos fazendo. Até um besouro saiu da boca do bicho, foi uma nojeira.”

“Foi então que ele selou o bicho dentro?” perguntou Joel.

“Sim. Quantas vezes eu disse a ele que o bicho *tá* congelado por alguma razão? No meu tempo se usava formol para conservar as coisas dentro de garrafas grandes e não uma caixa cara com uma tomada e aviso de bateria. Posso não ter diploma, mas não também não sou uma besta. Outra coisa: podia jurar que a maldita língua se mexia um pouco de um dia para o outro. Seu pai, que não aceita nem trocar a receita dos óculos, não queria ver isso, mas esse crioulo trapaceiro aqui viu sim senhor. Só depois que selamos o bicho no metal que pude ter minhas noites em paz.”

Após um silêncio, o capitão Flynn falou mais uma vez.

“Pela última vez: quem está ali embaixo da terra!”

Harold começou outro cigarro, e falou gravemente.

“Steve Harrison. Vinha pescar e jogar conosco de vez em quando; fez a reforma do telhado ano passado. O carro dele também se juntou ao avião no lago. A polícia nunca veio. Ele era separado, e vivia na estrada. Má combinação, estrada e cartas. Direto pro inferno, pobre alma.”

“O que aconteceu?” perguntou Joel.

“Ele apareceu pedindo serviço, pois estava quebrado, vivendo no velho Ford 65 na caçamba junto com um monte de areia, cimento e só uma lona preta de teto junto com dois cobertores fedidos.”

O caseiro cuspiu mais uma vez.

“Pulmão de merda. Enfim, ele chegou na hora da janta, mas duvido que tenha sido ao acaso, pois dava pra ver o tremelico na mão dele de fome. Conforme ele avançava no prato, mais falante ficava. E como tinha histórias. Dava pena, eu fiquei mais ou menos assim quando me separei na primeira vez, tudo dá errado ao mesmo tempo e você fica esperando que a onda de azar passe duma vez, mas o que acontece é que a gente só vai se afogando cada vez mais, e...”

“Senhor Gretzky.” disse o capitão sem paciência.

“Desculpe. A gente fica tanto tempo quieto que quando abre a porteira, não para mais de sair porcaria. Fato é, seu pai perdeu dinheiro demais da conta naquela noite. Eu não me meto, mas mais um pouco o Steve ficaria aqui no chalé por um bom tempo. O que começou com vinte dólares terminou em quinze mil, incluindo ainda o barco. Eu comecei a chutar o Walter debaixo da mesa, escocês azarado dos infernos. Não vi trapaça nenhuma, Steve estava jogando com o demônio naquela noite.”

Houve um silêncio.

“Então, depois de perder o barco, seu pai apostou o carro novo, pois a estratégia dele era jogar até ganhar tudo de volta – Harrison tinha o vício na cabeça, sabe? Nunca parava, e Walter, raposa velha, sabia que ele perderia em breve, só tinha que continuar no jogo e pegar tudo de volta, incluindo a sucata imunda do Ford 65.”

“Eles jogaram o último jogo. Seu pai tinha trinca de reis e Harris trocava duas cartas por uma quadra de damas. Viramos a primeira do bolo, que era um Ás. Walter gelou completo, e olhou para mim pedindo ajuda. Não sei por que, mas virei minha cabeça para a porta do porão. Algo trincou no olho de Walter. Steve foi pegar a próxima carta e seu pai segurou a mão dele no ar.”

Gretzky tossiu e escarrou.

“Walter contou a história do avião. Mostrou a foto. Ofereceu a única chance da vida dele em ver o bicho em pessoa, desde que deixasse o jogo como estava, e ainda ficaria com o barco e os quinze mil. Steve deu risada, e aceitou, pois mesmo o seu vício sabia que precisava comer no dia seguinte. Viramos a carta e havia uma dama lá esperando, o que fez seu pai virar o copo inteiro numa só vez, escapando por um triz de perder tudo. Pensando melhor, Walter podia ter evitado tudo se deixasse Steve ganhar. Deus dá mesmo chances a todos, mas a gente nunca vê as oportunidades do senhor.”

“O que aconteceu depois?” perguntou Joel impaciente.

“Todos nós descemos, e quando Harrison viu o bicho ele teve um ataque de riso. E depois logo ficou muito sério, caminhando de um lado a outro. Ele quis imediatamente comprar o monstro, por que tinha um conhecido na televisão e certamente faria uma série de programas só com ele. Walter ficou irredutível. Harris melhorou a proposta, dizendo que dividia com ele, e que podiam lucrar milhões com a criatura, sem falar na fama. Em pouco tempo, estavam gritando. Steve pediu ao menos a foto por cinco mil. Seu pai disse para ele ir embora e enfiar aquele dinheiro trapaceiro naquele lugar. Harris ficou alucinado pela coisa, e Walter começou a achar que ele iria levar a criatura de qualquer jeito, pois tinha os músculos para colocar dois velhos cansados onde bem quisesse.”

“Joel, eu vi seu pai perder a cabeça por carteado várias vezes, mas nada comparado com o surto de ódio quando finalmente Steve disse que ele não iria sair dali sem o bicho, que não rasgaria milhões de dólares por causa de dois putos cabeças de bagre bêbados e fedidos. Quando Steve virou-se para seu pai, Walter pegou uma cerveja vazia de vidro, quebrou-a na televisão e segurando pela borcada estocou Steve no pescoço e depois embaixo das costelas. Repetidas vezes, como se carneia um porco. Essa merda não sai da minha cabeça. A cara de Walter ficou vermelha e sua mão inteira molhada de sangue.”

“Jesus!” disse Danna com as duas mãos na boca.

Houve um grande silêncio.

“Meu pai matou um homem, é isso que você quer dizer, seu filho da puta, bêbado de merda?” disse Joel furioso.

“Sim senhor.” respondeu Gretzky cabisbaixo.

“E v-vocês enterraram o c-corpo aqui na sala?” falou Joel, gaguejando e sentindo seus olhos arderem.

“Sim senhor.”

*Olhe o tamanho da cova. Não confere.*

“E você acha..” começou o capitão, mas Danna segurou seu braço e seus olhos se encontraram. Ela estava trêmula, e lhe entregou uma foto Polaroid que encontrara em cima da televisão. A foto estava em branco. O caseiro levantou sua cabeça cansada e viu a foto.

“Venha até aqui.” ordenou Joel puxando o caseiro mais uma vez. Danna deu um passo atrás em repulsa ao cheiro e aspecto sujo do homem. Ele pegou a foto e a olhou de perto.

“É essa mesma. Seu pai sempre com a mesma cara de tonto. Eu não gosto de sair em foto não, dá azar.” disse Harold.

*Esse homem está insano.*

“Depois que colocamos Steve embaixo da terra, seu pai não veio mais. Eu pedi dinheiro a ele para comprar a areia e o cimento, mas ele disse que aquilo era problema meu. Quando veio esta última tempestade, ficamos sem luz e o container começou a apitar de novo, sem bateria. Minha vontade era de enterrar esta porcaria, mas Walter voltou no mesmo dia e me ameaçou de me botar para fora da minha casa se eu mexesse no monstro. Decidimos que ele iria comprar um gerador enquanto a prefeitura restaurasse a luz, por que às vezes demora demais da conta aqui no interior. A bateria acabou e fazem dois dias que eu coloco gelo direto por cima do visor quebrado. Seu pai nunca mais voltou.”

Enquanto o caseiro falava, o capitão levava suas mãos à cabeça e começava a entender como todas as peças se encaixavam. A terra no carro e nas unhas do seu pai, o gerador, o pedido estranho de Walter para eles virem à Castle Rock.

*A cova é grande demais, ele está imundo de terra e manchas de sangue. Sua linguagem corporal têm todos os trejeitos e olhares de mentira. A foto está em branco e mesmo assim ele vê coisas ali. Pelo cheiro, não toma banho a mais de mês. Provavelmente bêbado por todo esse tempo.*

“O senhor agora, por favor, cale-se. Estou farto de mentiras. Meu pai e o senhor não prestam, agora posso ver claramente e vocês dois vão pagar caro, muito caro.” disse Joel, colocando o dedo na cara do caseiro.

Rapidamente Flynn subiu de novo na escadinha e com a ajuda da pequena lamparina achou um pedaço de corda fina no meio de toda a bagunça da coleção de guerra de Walter. Ele amarrou o caseiro no corrimão da pequena escada, com bastante força. O velho gemeu de dor, mas não reclamou.

“Vamos embora buscar a polícia.” disse Joel à Danna.

\*\*

“Você vai deixar ele lá com aquela coisa?” perguntou Danna da sala de cima da casa, onde o sol batia mais forte pelas janelas abertas.

“Eu não quero... nem pensar sobre isso.” disse Joel, que parecia não conseguir mexer mais suas pernas.

“O que foi?” perguntou Danna.

“Gretzky tinha marcas de sangue muito parecidas com...”

*Desmembramento.*

*“* Com o que?” perguntou Danna já trêmula.

“Não queira saber. Onde está a chave do carro?”

“Eu não sei, não estão contigo?”

Joel sentia-se muito confuso e perplexo. Remexia nos bolsos em procura da chave. Aquela casa era de sua família, seus filhos deveriam estar correndo e brincando por ali, e a realidade do presente era tão cruel que colocava seu próprio pai como suspeito de um crime hediondo, que ele sabia que acabaria muito mal com tudo que vira até então. Ele travou sua mente ali, *assassinato*, olhando para todos os lados. A poucos momentos atrás, ele sabia que o tinha de ser feito, mas agora, sob a luz do sol e na hora de botar as rodas do destino em movimento, ele vacilava ao tentar aceitar o que tinha acontecido. Teria mesmo seu próprio pai esfaqueado e ocultado o cadáver de alguém? Seria aquela história maluca uma tentativa fantasiosa do caseiro de se excluir do que eles fizeram? Como dois bêbados podiam ter se organizado e criado algo tão elaborado e horripilante como aquela monstruosidade dentro da caixa? Duas horas atrás beijava seus filhos no rosto em um café da manhã tranqüilo. Flynn não conseguia aceitar o rumo das coisas, por mais que seu distintivo de capitão dos bombeiros dissesse que ele deveria seguir e aplicar a lei.

Ele andava de um canto ao outro rapidamente, sem parar.

“Pare com isso! Você está me assustando! O que você têm?” perguntou ela agudamente ao capitão, que agora se segurava no pilar da cozinha, confuso e desorientado.

“Meu Deus, você não pode pirar agora.” disse ela aflita.

Ele a olhava quieto, de olhos arregalados.

“Pára com isso!” ordenou ela em um grito.

Flynn colocou um indicador em seus lábios pedindo silêncio. Foi então que viu um outro carro grande e preto chegando pela pequena janelinha, e ele rapidamente entendeu que as coisas ainda podiam ficar muito piores. Dois rapazes altos e volumosos saíram do carro. Ele olhou para ela, e seu instinto de liderança falou sozinho.

“Você precisa sair pela outra porta, ir até o lago e fazer toda a volta pela casa do caseiro.” falou o capitão.

“Como assim?”

“Eu sei o que estou dizendo, olhe pela a janelinha.”

Ela fez um beiço que ele conhecia de vinte anos de casado, mas depois de um olhar desconfiado a ele, foi devagar até a pequena janela do lado da porta. Lá fora, uma van preta estava estacionada atrás da *pick-up* de Walter.

“Eu vou lá ver o que é, enquanto você foge pelo lago e depois até a outra casa. Te encontro lá quando for seguro.”

Joel a abraçou rapidamente. Ela percebeu a mudança nele e ficou um pouco mais calma. O capitão não tremia mais e tinha recuperado seu olhar implacável, o mesmo que a fizera apaixonar-se quando era da equipe de primeiro socorros da ambulância e o vira sair de uma casa em chamas com um braço quebrado – horas depois ela escreveria seu telefone no gesso e eles nunca mais se separariam. Ela respirou nervosa, lhe deu um beijo forte e concordou duas vezes com sua cabeça.

“Por favor, tenha cuidado.” disse Danna.

No escuro do porão, o caseiro se debate, com suas mãos presas pela corda forte. Sua cabeça vai da esquerda para a direita com violência. Ele cai e resvala no chão, trêmulo. Algo sobe por dentro de seu pescoço, dilatando e aumentando o tamanho de sua garganta. De sua boca, um verme marrom e grande sai lentamente, arrebentando os lados de suas bochechas com garras laterais que cortam como navalhas. O verme vai em direção ao seu olho direito. Do ventre do verme, uma boca se abre com pequenos dentes, e se coloca em cima do olho. Iniciando com barulhos de sucção, o verme vai se contorcendo enquanto suga o olho inteiro da órbita óssea de Gretzky. O caseiro vai parando de se contorcer enquanto o outro olho vai sendo sugado e mordido. Nas costas do verme abrem-se duas asas do seu próprio tamanho, e ele voa dali até o container. A pequena criatura passa por cima do visor verde. O enorme inseto lentamente caminha para o interior do container.

De dentro do metal, a bocarra do demônio se abre devagar, enquanto o verme adentra por entre presas afiadas. Com um barulho de terra se abrindo, dezenas de outros besouros vão saindo debaixo da cova, e, um por um, voltam à boca da criatura em um barulho de enxame.

Da penumbra daquela sala, luzes fortes saem da prisão de metal, enquanto a solda e os parafusos vão derretendo ao chão silenciosamente.

*- 4 -*

*LAMBERT*

“Vamos esperar um pouco.” disse Abbot Lambert com uma máscara de esqui, dentro da van preta junto a outros dois homens também encapuzados no banco de trás.

“Já estamos meia hora parados. Você tem certeza?” reclamou um dos capangas conferindo o relógio. O outro ao lado conferiu sua arma de grosso calibre, dois canos serrados.

“Sou pago para ter certeza absoluta sobre as coisas.” disse Lambert enquanto segurava a estatueta de bronze. "E se estiver acontecendo o que imagino, é melhor esperar mais um pouco se quiser ter a cabeça ainda no mesmo lugar, panaca."

Charles Van Zant aguardava ansiosamente Lambert em seu escritório. Aquela sala estava vazia, salvo uma mesa e duas cadeiras num piso velho de taboão com paredes brancas mofadas. Charles gostava dali, pois naquele local muitas de suas missões de sucesso foram planejadas, e ele nem se importava mais com o cheiro de peixe. Uma caixa preta de veludo ocupava a posição central na mesa, e pelos óculos pequenos de aros negros, era fitada pelo homem de terno cinza riscado. As últimas duas décadas não foram tão boas a Charles quanto aos tempos na Suíça pós-guerra, enquanto famílias germânicas lhe concediam suas coleções de arte em troca de dinheiro para sobreviver. Alguns membros da segunda geração da *Thule-Gesellschaft*, que depois de perder a guerra, cederam seus os livros e artefatos a ele por preços acessíveis.

Abbot Lambert desceu do ônibus, e entrou no complexo centro velho de Munique, com muito comércio de rua e gritos de preços e ofertas de tudo o que se podia imaginar. Prostitutas nas esquinas mostravam a decadência do local. Após subir um lance de escadas com *graffiti* de dizeres grosseiros nos cimentos e tijolos à vista, e em meio a uma peixaria e loja de artesanato, ele encontrou um corredor longo e estreito. Numa destas portas sem número entrou no mais antigo escritório de Van Zant, após duas batidas rápidas.

Eles se sentaram. A caixa preta ficou evidente entre os dois.

“De volta a casa.” disse Abbot com um cumprimento rápido.

“Acho que o camarada gosta de algum mistério?” perguntou Charles, coçando sua barba a fazer e desenhando com seus dedos a linha de seu bigode, penteado e cuidado com obsessão.

“Me tente.” provocou Lambert desafiador.

Van Zant abriu a caixa e tirou o bronze de dentro.

“Oh, vingança africana. Você precisa matar uma aldeia inteira?”

“Você, meu amigo, é um estraga prazer duma figa.”

“Eu valho o investimento. Conhecimento para você são lucros, para mim é mais um dia vivo na selva. Já tinha visto este antes. Arqueólogos ainda acham que alguns povos desapareceram do nada.”

“O que acha?”

“Muito excesso e cuidados especiais. Normalmente ocorrem contramedidas sobre estas travessias.”

“Nada que você não saiba como contornar.” resmungou o outro em uma careta de desagravo.

Abbot girou a parte de baixo, e uma pequena gaveta abriu-se.

“Terra *Infernus.*” disse Charles em um sorriso.

“Você então sabe os procedimentos.” falou Lambert cruzando os braços.

“Já foram arranjados, mas os detalhes não. E nestes assuntos, os detalhes é que selam o destino das coisas. Eu quero realmente saber se é...”

“Seguro? Está falando sério?”

“Não, estou perguntando se pode ser, digamos, melhor direcionado.”

“Ah, voltamos à vingança. Será ainda mais complicado. Tem certeza deste artefato? Sempre foi usado para extermínio e não queima de arquivo. Este pequeno aqui gosta de exageros, digamos, quando está fora de casa.”

“Sutilezas já me falharam tantas vezes.” disse o homem de óculos, olhando introspectivo pela janela.

“Guenevere e DeMarco.” disse Abbot com um mínimo sorriso.

“Está decidido. Junte o que você precisar e então pegará o próximo vôo para Nairobi.” falou Charles, colocando a estatueta de volta à caixa de veludo com todo o cuidado possível.

\*\*

Era noite, e Lambert coordenava o pequeno avião a manobrar para dentro da vila. Podia-se ver uma pista de pouso improvisada, com estacas em chamas coordenando um caminho reto e batido no meio do barro seco. Abbot coordenava com o piloto todas as escalas que ele teria de fazer na volta, enquanto outros dois homens tiravam um container de metal com um visor verde da parte de trás da aeronave.

A lado de cinco *sangomas*, todos em vestimentas vermelhas e grandes argolas douradas em suas orelhas, Obasi preparava a fogueira. Gordo e negro como carvão, usando um traje branco glorioso *Egungun*, seus olhos olhavam e liam as chamas, enquanto os outros jovens cantavam baixinho.

“Abbot.” disse Obasi sem tirar os olhos da fogueira.

“Espero que tenha se preparado.” falou Lambert.

“Oh, estes rituais são mínimos.” disse Obasi em meio sorriso.

“E muito traiçoeiros.” completou Abbot.

Obasi fitava Lambert agora, cantando a mesma cantiga de seus discípulos. No meio da noite, e na penumbra da fogueira, seus olhos e dentes eram de uma brancura quase espectral. Lambert podia ver que ele já estava nos ritos finais de encantamento, pois os pés dos meninos nas cantorias mal tocavam o chão. A cabra e a vaca foram trazidas ali perto. Obasi levantou um facão a altura de seus olhos, e os reflexos das chamas no fio do metal iam até o seu rosto.

“Os antigos não criavam muitos empecilhos às travessias.” falou o feiticeiro, com a estatueta em mãos.

*“Infernus. Infernus. Infernus.”* repetiram em uníssono os sangomas, junto com um bater de palma forte cada vez.

O feiticeiro tira o pó negro da estátua e derruba no chão. Ao tocar no chão, aquele pó vira imediatamente em um piche lodacento. A vaca é colocada perto, e em grande desenvoltura, Obasi rodopia todo o seu corpo pesado duas vezes, de forma ensaiada, e o enorme facão corta a metade do pescoço da vaca, cujo sangue jorra e despeja no líquido. O feiticeiro observa a mistura, e então com um gesto, um guerreiro golpeia o bode, o fazendo sangrar junto a vaca. Obasi observa a mistura e levanta sua mão quando o lodo reage, trocando de cor, e os guerreiros tiram os restos dos animas dali.

“Veja.” pede Obasi à Lambert.

“Me parece de acordo.” diz Abbot verificando a textura do líquido preto e vermelho formando um lodo cinza no centro.

Obasi pega a sua faca e olha desafiante para o inglês.

“Último ingrediente.”

Lambert estendeu sua mão, e o feiticeiro abriu um talho pequeno, mas fundo na sua palma direita. E então, num gesto rápido, fez um talho em sua própria mão, e os dois sangraram juntos em cima do lodo cinza. Os sangoma voltaram a gritar *Infernus* e um guerreiro pegou um lagarto morto e o jogou dentro do lodo, que agora ia se tornando um verde fosforescente e pulsante.

Obasi falou o encantamento final, enquanto Lambert já colocava uma bandagem apertada em sua mão. Ao fim da fala incompreensível aos demais, mas a qual Abbot era fluente, um guerreiro ateou fogo no lodo, que foi abrindo devagar, até que o corpo do réptil caiu para dentro de outra terra. O portal estava aberto, e as chamas faziam um círculo de fogo. Observando de cima, Lambert e Obasi viram as sombras entrarem pela boca e nariz do bicho, e ele transmutar-se lentamente para uma monstruosidade infernal. O negro olhou para seus guerreiros, que sacaram suas facas e foram de encontro ao inglês. Dois tiros vieram de dentro da negritude da savana, e dois corpos caíram ao chão.

“Termine a merda do cântico.” disse Abbot calmamente segurando sua mão com o corte.

Obasi voltou-se ao portal, e com a estatueta em mãos ordenou a criatura a sair dali. O réptil levantou-se de forma bípede, e pulou para fora: já tinha duplicado de tamanho, e seus olhos eram de um verde esfumaçado que fizeram os guerreiros de Obasi virarem seus rostos de medo.

“Passe a estatueta para cá." disse Abbot.

O feiticeiro jogou o bronze para o inglês. A criatura começou a rosnar e a arrastar suas garras no chão, enquanto algumas sombras do outro lado do portal começavam a se levantar do círculo de fogo. Um dos sangoma aproximou-se do portal. Tinha um colar de ossos no pescoço.

“Você é quem vai para o portal, traiçoeiro.”

“Minha lança.” pediu Obasi ao menino.

Com a estatueta em mãos, Lambert voltou-se à criatura.

“*Infernus,* esta é a sua nova oferenda.”

Abbot puxou uma pistola escondida na barra de sua calça, e atingiu o feiticeiro no ombro, o fazendo cair dentro do portal, enquanto as sombras da umbra o envolviam. O círculo se fechou, e aquele lodo tornou-se pó novamente. Lambert juntou a poeira do inferno com uma luva e colocou dentro da estatueta.

O container foi aberto.

“*Infernus*.” gritou Abbot mostrando o container, e seus outros quatro homens saíram do véu da noite para a claridade da fogueira usando armas pesadas em seus braços.

“Façam ele entender.” disse Lambert.

Os últimos guerreiros aliados à tribo de Obasi foram imediatamente metralhados. A criatura sorri entre dentes cada vez mais assustadores e caminha até onde Abbot indica.

“Ele sabe agora quem é o chefe.” falou o inglês.

O container foi fechado com a criatura, que respondia à estatueta. Conforme o gelo atuava, os olhos do monstro diminuíam sua aura verde. Quando não houve mais manifestação, dois mercenários subiram o container no avião e o conectaram junto à parte elétrica. Com duas batidas de Abbot e um aceno de mão do piloto, o avião decolou pelo escuro da noite, sendo guiado pelas tochas no caminho aberto pela savana.

*- 5 -*

*DANNA*

Danna correu pelas árvores ao lado, sempre voltando seu olhar por cima do pescoço até a casa. Por sua sorte, a enorme *pick-up* de Walter bloqueava toda a visão de quem viesse por trás. A água do lago era fria e barrenta, mas ela não vacilou, por que se caminhasse pela margem seria vista facilmente. Ainda não acreditava no que vira naquele porão imundo, e mesmo assim estava ali mergulhando no frio do lago, de tênis, calça jeans e apenas um moletom e casaco de inverno. Batendo já os dentes, ela foi indo ao fundo em um nado de peito, mantendo o mínimo de sua cabeça fora da água. Quando sentiu que não tocaria mais o fundo com seus pés, ela virou-se e viu a casa e os dois carros, agora pequenos, mantendo somente seus olhos logo acima do nível da água. Passo a passo, Danna se deslocou horizontalmente para a direita, rumo à casa do senhor Gretzky.

No meio do caminho, viu Joel ser colocado a força dentro do outro carro preto. Um dos homens virou-se para o lago e ela afundou-se lentamente em pânico, tentando não levantar bolhas. Virando-se para a direita, ela nadou com todas as forças para o fundo do lago, sem ver muita coisa, pois a água marrom era muito densa. Ela nadou o máximo que pode, e quando subiu viu que Joel continuava sozinho dentro do outro carro.

Um pouco mais confiante, mas com inicio de câimbras nas pernas e braços por causa do esforço repentino, Danna viu que podia sair da água. Ela foi mergulhando de bruços até a margem, e quando a água terminou, se agachou por ali, tirando seus tênis, meias e moletom. Não era inverno, ou estaria morta por hipotermia, mas o frio daquele dia vinha mais por causa do vento, que não parava de soprar desde que eles começaram aquela viagem dos infernos.

A casa branca, muito mal cuidada parecendo mais uma dessas casas abandonadas com grama alta por fazer, tinha uma portinha baixa separando o quintal da margem, junto com um pinheiro alto e esguio que balançava forte. O jardineiro não vinha por aqui em anos, registrou mentalmente Danna tentando deixar sua mente na superfície da sanidade ante o perigo real e eminente. Se Joel estava amarrado dentro de um carro, o que ela, uma simples enfermeira, poderia fazer? Ela atravessou o pórtico pela grama alta, e alcançou a laje da entrada lateral da casa, usada décadas atrás pelos vizinhos antes de irem embora e deixar este lugar para o caseiro. Foi então que sentiu o mesmo cheiro fétido do porão de novo saindo por baixo da porta e das frestas de uma janela entreaberta. De braços cruzados em frio, ela contornou com cuidado e viu uma camioneta vermelha estacionada dentro de um coberto improvisado de lona amarela e furada.

“Joel estava certo. Eles não afundaram o carro.”

Com mais um passo, ela viu um vulto dentro do carro, parado. Ela olhou ao redor, e não encontrou nada para defender-se. Seus pés gelados já doíam na laje, e ela foi andando devagar e agachada, cuidando o vulto no carro por cima da caçamba. Tentou a porta, que estava trancada. A mesma coisa com a janela, que não se mexeu um milímetro.

Danna ficou por ali algum tempo sem saber o que fazer. Por todo o tempo, o vulto não se moveu. Se ela saísse ainda mais pela direita, contornando a casa, a pessoa no carro a veria pelo espelho. Ela agachou-se frustrada e tremendo de frio. Ali no chão, ela olhou por tudo mais uma vez tentando encontrar algo que poderia usar. Seus olhos foram até a traseira do carro velho e viram uma caixa de ferramentas parcialmente coberta por um destes sacos de cimento. Lentamente, ela foi até lá, e abriu a caixa pegando a maior chave de fenda que encontrou.

Naquele silêncio, ela foi até o lado do carro, e com a chave na mão pronta para atacar, a enfermeira foi indo com os pés no barro seco com o máximo de furtividade que seria possível imprimir.

“F-Fique aí parado!” disse Danna se levantando e colocando a chave de fenda pronta para o ataque. O cadáver preso pelo cinto de segurança não reclamou. De boca aberta e gengivas expostas, seus olhos e nariz estavam faltando e seu rosto era de um cinza mesclado com um sujo preto. Moscas voavam ao redor de sua face esburacada. Danna deu um passo a trás e manteve sua boca fechada com as duas mãos enquanto caia de traseiro no barro seco imundo. Aquele era Steve Harrison, fora da cova e aparentemente perdera seus olhos na última viagem. Danna correu do carro até a porta, esquecendo toda a furtividade de antes.

Ela tentou, em vão, a caixa de ferramentas na porta. A mão tremia de medo, o corpo inteiro vibrava de frio. Não conseguiria abrir aquela fechadura de jeito nenhum, e sabia que não tinha a tarde inteira. Precisava entrar naquela casa, tentar se secar. Ela sabia o que fazer, mas sua mente se negava a chegar naquela conclusão: Steve *poderia* ter as chaves da casa, mas antes ela teria de revirá-lo, o que lhe causava arrepios só de imaginar. Ela levou suas duas mãos na cabeça, e pediu ajuda enquanto ouvia o lamurio monótono do vento nas folhas do pinheiro.

Danna estava a olhar a ruína da cara de Steve, ou a nova moradia de dezenas de moscas. Abriu a porta do carro. O cheiro era impossível, e ela segurou a respiração. O cinto segurava o corpo no lugar, e ela já tinha um pano rasgado de sua blusa no nariz, observando se ele tinha uma chave deste lado. Não era o caso. Danna contornou o carro, e entrou pelo outro lado. Olhou por tudo, no porta luvas, no chão e não encontrou nenhum molho de chaves. Danna pegou a chave de fenda e empurrou o cadáver. Era como madeira fraca e podre. Forçou mais uma vez e ouviu o barulho de chaves. Tocou nos bolsos de Harrison com a chave e descobriu algo metálico. Com o máximo de asco, ela puxou o molho de chaves por ali com a chave de fenda.

De volta à porta, descobriu a chave certa na quinta tentativa, tremendo sem parar ao que fizera até então. A porta abriu e ela viu uma sala de estar, onde outros oito cadáveres estavam sentados nos sofás e olhando com buracos nos olhos em bocas rasgadas e escancaradas até ela.

O grito veio incontrolável, e ela não conseguiu segurar-se, caindo ao chão com as pernas bambas. No meio da sala, um machado e uma tora de madeira avermelhada eram o destaque. Danna correu pela sala, evitando o toque em qualquer coisa, e trancou-se no banheiro, lavando seu rosto sujo, chorando sem parar.

Depois de um minuto para controlar-se, ela secou sua roupa molhada com a primeira toalha limpa que achou por ali. Agachou-se no banheiro, tentando se esquentar. Pensou nos filhos, que estavam a salvo na cidade e no capitão, a poucos metros dali preso no outro carro.

*- 6 -*

*JOEL*

O capitão abriu a porta da casa rapidamente, tentando o carro de Walter. Dois homens fortes e encapuzados saíram do carro preto automaticamente. Joel chegou a abrir a porta da *pick-up*, mas um deles já o puxava e o jogava contra o chão. O capitão levantou-se, mas a arma do segundo em sua têmpora o convenceu a desistir da luta. Da frente do veículo preto, Abbot Lambert em seu terno preto abre sua porta. Ele pede para que os outros baixem as armas e se afastem.

“Quem são vocês?” perguntou o capitão, imperativo.

Lambert sinaliza para ele se levantar.

“Esse cara viu seu rosto. Melhor apagar ele.”

“O que vocês vieram fazer aqui?” perguntou Joel.

Um silêncio constrangedor passou lentamente enquanto Abbot observava Joel com curiosidade.

“Quantos mortos?” perguntou o inglês impaciente.

“Eu não...”

“Vamos lá. Sabemos tudo que sabe e um pouco mais. Quantos mortos você viu?”

Joel pensou na cova enorme. Aquele homem estava certo do que Flynn mais tinha medo. O homem do terno preto olhou para cima e falou algo indecifrável a todos ali, nervoso. Lambert indicou um dos homens e eles colocaram Flynn dentro do carro. Com a chave, trancaram-no lá dentro.

“Você queria ação, certo?” disse Abbot enquanto eles entravam na casa.

\*\*

Danna correu até o carro. O barulho de seus pés na terra acordou Joel de suas memórias. Ela colocou suas mãos no vidro, e Flynn tocou seu lado com sua mão direita, não escondendo a emoção de vê-la a salvo.

“Vou te tirar dai.” disse ela.

Joel olhou ela voltar até a casa de Gretzky. Após alguns minutos, ela trazia um machado nas mãos. Gingou-o com força, arrebentando o vidro. O capitão pediu o machado, e com a ponta de metal quebrou os cacos finais de vidro em volta da janela. Antes de se puxar para fora, ele viu o sangue na lâmina.

*Isto é evidência.*

Danna ajudou-o a sair pelo buraco na porta. Ela estava gelada, e Joel a abraçou forte.

“Você não têm ideia do que eu vi.” disse ela em prantos, não o soltando do abraço.

“Quantos corpos?” disse Joel, repetindo inconscientemente o que o inglês o perguntara.

“Muitos. Harold estava cortando eles em pedaços. O outro cara, Steve, estava ajudando, achei o carro dele. Oh meu Deus, ele t-tira os o-olhos d-deles, é horrível!” chorou ela gaguejando e tremendo.

“Eles me prenderam aqui e entraram na casa.”

“Vamos embora dessa loucura.”

“Danna, eu.. eu simplesmente não posso.”

“O quê?” respondeu Danna soltando do abraço.

“E-Eu.. eu tenho de resolver isso pessoalmente, eu não acredito em nada que vi até agora, embora tenham evidências sobrando.”

“Joel, eu não estou te entendendo.”

“Não precisa. Pegue o carro e busque a polícia.”

Eles ouviram um tiro estrondoso dentro da casa. Joel correu pelo outro lado da casa segurando o machado, e Danna foi relutantemente atrás. Com apenas um olhar, ele sabia que sua esposa não iria embora, e ele teria de aceitar os termos dela. Joel bufou, fez uma negativa com sua cabeça. Usando um sinal de mão, ele pediu silêncio a ela, e eles foram agachados até a porta lateral.

Após alguns momentos, os dois ouviram passos fortes subindo a escada do porão, enquanto Joel segurava a mão gelada de sua esposa.

A voz era do caseiro, mas imediatamente souberam que ele estava morto.

*- 7 -*

*OBASI*

Lambert e os dois encapuzados entraram na casa, e viram uma sala bagunçada com um lenço de papel ensangüentado na cozinha aberta. Abbot tirou a estatueta do bolso do terno, e segurou-a em suas mãos. Ela ainda vibrava, o que era indicativo que ainda funcionava.

“Não tem ninguém aqui. Vamos lá embaixo.” disse um dos homens.

“Fique exatamente ai.” disse Lambert em uma ordem direta.

O inglês girou a parte de baixo do bronze, e pegou um pouco de terra. Ele largou a estatueta no chão, juntou suas mãos com um pouco daquele pó, e friccionou as palmas para cima e para baixo. Ele colocou uma das mãos com sua palma para cima, e com movimentos circulares da outra mão, começou um pequeno girar de toda aquela poeira, que foi crescendo e crescendo.

“Mas que merda é essa?” disse um dos homens incrédulo.

Abbot levantou a mão ao rosto e soprou todo aquele pó com força. O pó foi indo até o resto da sala, e conforme avançava ia revelando sombras e raios, como se houvesse uma tempestade por ali. O pó avançou, e revelou uma enorme criatura verde, arqueada ali, com múltiplos olhos de serpente espalhados no ventre e seus dentes e garras à mostra. O homem que carregava apenas uma pistola levou suas mãos à cabeça e caiu no chão desacordado com uma careta de dor. Abbot esboçou um meio sorriso. O outro homem deu um passo para trás, e depois gritou e atirou na criatura com sua arma. O tiro acertou um dos braços do monstro, mas era como acertar em pedra. O monstro retirou um espinho de seu outro braço e o lançou brutalmente, acertando-o direto entre os olhos e atravessando o crânio numa morte instantânea. Lambert manteve seus olhos na criatura, mas com a estatueta vibrando em suas mãos.

“Você esteve ocupado, *Infernus*.” disse Abbot.

A entidade envolta na tempestade mexia sua enorme cabeça reptiliana, olhando para a estátua de bronze como um leão olhasse para chicote.

“Arranje uma comunicação para nós.” ordenou Lambert.

A criatura abriu sua boca, e um besouro fosforescente verde saiu de lá, e passou pela sala indo direto ao porão. Abbot começou a suar. Tudo saíra muito rápido de seu controle. Passos fortes na escada fizeram o inglês dar dois passos para a sua direita, evitando os restos encefálicos de seu guarda costas.

Joel já estava na porta lateral aberta, e ele e Abbot trocaram-se olhares. O capitão ainda não conseguia ver nada além do inglês e dos dois corpos ao chão. Foi então que o senhor Gretzky terminou de subir a escada, e ele brilhava um verde dos buracos que a poucos minutos tinham sido seus olhos. O velho virou-se para Abbot, e sua voz fez Joel e Danna recuarem para trás horrorizados.

*“Lambert.”* disse o monstro pelo cadáver reanimado do caseiro.

“Posso ver que completou sua evolução.”disse o inglês.

*“Nosso vínculo de sangue me obriga a responder temporariamente suas questões tolas e desprezíveis.”*

“Exatamente.”

*“Você não é feiticeiro, guerreiro, tampouco iluminado ou amaldiçoado. Detesto trapaceiros, trabalhando a favor e contra a legião.”*

“Temos um contrato. Honramos todas as condições. No entanto, você agiu sem meu consentimento. Você está quebrando as regras de equilíbrio.”

*“Até mesmo um trapaceiro como você deveria saber que um blungu tem termos colaterais dos dois lados da umbra, Lambert.”*

Abbot silencia-se e a estatueta treme e depois fica inerte em suas mãos. O inglês rapidamente larga o objeto de bronze no chão, e tira um frasco que ele usa pendurado no pescoço.

*“Minha cota foi preenchida e o outro lado foi correspondido. Você sabe o que acontece depois, não, trapaceiro?”*

Lambert se agacha rápido no chão, abre o *blungu* de bronze e desenha um circulo de proteção com *glyphos* na terra preta espalhada. Ele se levanta e espalha o líquido do frasco em sua face. A criatura se move, e em dois passos largos, pega um dos guarda-costas desacordado do chão pelas pernas e o puxa de frente. Com uma garra, abre-o como um peixe de cima a abaixo, depois o vira e pisa em cima, com um barulho de quebrar ossos. Sangue se espalha pelo chão rapidamente criando outro círculo de fogo.

Gretzky começa a falar uma língua diferente, e a fumaça negra tempestuosa envolta da criatura faz ventar por tudo ao redor. De onde Abbot está seu campo de força transparente o protege de pedaços de concreto que vão quebrando e se desprendendo do chão. De dentro do círculo feito pela criatura, o sangue entra em chamas, e deste circulo pequeno se forma uma passagem de fogo.

Por um momento, nada acontece. E então um homem negro pula de dentro do portal, alto e forte, usando somente os restos mortais de outra monstruosidade de três chifres por cima de sua cabeça, descendo até suas costas com uma coluna vertebral de ossos. Ele cai ao lado esquerdo da criatura segurando sua lança longa, e agradece ao monstro com um leve aceno de cabeça, que é recebido com um rosnado forte.

O homem se vira para o inglês, e sua face era de pura raiva.

“Obasi.” disse Lambert.

“Me chame de Nuru agora.”

O buraco no chão se fecha, e o círculo de fogo se desfaz. O feiticeiro bate a sua lança três vezes ao chão, e a ponta suga os raios da tempestade ao redor da criatura, e se energiza. Abbot faz três talhos em seu braço e joga um pouco de seu sangue no chão, o que faz aumentar ainda mais seu campo de força. Nuru rapidamente ergue sua lança, e faz um lançamento perfeito, usando toda a força de seus braços e pernas. A lança rompe o escudo e empala Abbot na parede, atravessando direto seu peito, fazendo o inglês perder seus sapatos no caminho, tamanha força empregada.

Enquanto Lambert cospe sangue e se segura na própria lança, Nuru calmamente vai até ele, e o olha muito de perto.

“Você foi covarde com meu povo.”

Lambert treme, e então se aquieta numa morte rápida. Nuru se aproxima, e sua boca aumenta de tamanho, mostrando dentes cada vez mais afiados. Pouco a pouco ele se aproxima. O inglês fecha seus olhos, e com um movimento instantâneo, o feiticeiro abocanha um pedaço da cabeça de Lambert. Com suas mãos, ele quebra o resto do crânio e retira o cérebro de Lambert, mastigando e engolindo-o.

Joel acompanhou tudo de onde estava e então vê o homem negro se contorcer de dor, e gritar vergando ao chão. O capitão observa sua face se quebrar por dentro, sua pele clarear, e todos os seus ossos vão encolhendo. No final, até seu cabelo fica da mesma cor de Lambert.

“N-não é possível!” diz Joel estupefato.

“O que está acontecendo?”

“Eu não sei, mas, acho que temos de ir.” disse o capitão apavorado.

Dentro da sala, Nuru, com o aspecto já completamente transfigurado para o corpo do inglês, retirava o resto da roupa de Lambert e se vestia. Ele retirou sua lança da parede, chutou o resto do corpo e virou-se contra a monstruosidade.

Sem muitas cerimônias, Nuru bateu sua lança novamente três vezes ao chão.

O monstro riu por um bom tempo.

*“A última vez que fui desafiado precisaram de centenas de guerreiros e o sacrifício de cinco feiticeiros para me colocarem de volta na estátua.”* rosnou o caseiro monstro em desdém.

“Não sou mais conjurador, muito menos feiticeiro. Estou acima destas categorias mortais.” disse Nuru, agora com a voz de Abbot.

*- 8 -*

*JOEL*

Nuru caminhou de um lado a outro observando a criatura, que por sua vez aumentava a intensidade da pequena tempestade contida ao seu redor.

“O *blungu* atrai demônios em decadência, que se sujeitam a regras e termos por um pouco de ação fora da umbra. Você sempre estará preso à estátua.” disse Nuru pegando dois ossos do antigo demônio que usava em suas costas.

*“Irei te torturar até o limiar da morte, e depois o trarei de volta para recomeçarmos de novo. Farei isso até seus ossos pedirem clemência.”* falou Gretzky, em tom desafiador e desprezo.

Nuru esmagou os ossos, e jogou aquele farelo para cima, criando uma névoa branca em velocidade de tormenta com dois movimentos de seus dedos.

“Eu escolhi bem seu veículo carnal, *Infernus.* Não pense que não antevi esta batalha. O que eu precisava era adentrar na umbra, e esse paspalho inglês me trouxe o *blungu* ideal para a travessia, com termos colaterais dos dois lados.” disse a voz quase sobrenatural de Nuru, imerso na névoa.

*“Vou te matar lentam..”*

Com um pulo perfeito (adquirido por um novo corpo aperfeiçoado durante as batalhas na umbra), o feiticeiro atacou o demônio pelo flanco esquerdo, justo onde a cabeça do monstro estava se voltando e sua visão era precária pela localização dos olhos. Em grande velocidade, Nuru acertou com seu antebraço embaixo do queixo da criatura, mandando e segurando toda aquela mandíbula para cima, enquanto a sua outra mão enterrava uma adaga no ombro do monstro. Os dois caíram forte no chão. Com a adaga, o feiticeiro fez um talho profundo no ombro do bicho, rasgando uma boa parte dos músculos ao redor e praticamente inutilizando seu braço direito.

A criatura rugiu surpresa, e o feiticeiro deslizou para baixo seu antebraço e com a mão em pinça segurou a mandíbula do monstro por baixo em outro ponto frágil que somente ele conhecia, pois estudara o réptil com afinco. Com a outra mão, ele tirou a adaga do ombro e foi estocando cada um dos olhos de serpente do ventre do monstro, sentindo o quente do jorro de vitalidade do próprio *Infernus*.

Conforme os olhos iam sendo perfurados, a tempestade ao redor diminuía sensivelmente. Nuru então terminou de decepar o braço que fora atingido no ombro com sua adaga, e ao redor do monstro havia todo aquele lodo verde característico do demônio. Houve um grande silêncio, onde a criatura mal rosnava perante todos os ferimentos que o feiticeiro fizera em questão de segundos.

O feiticeiro levantou-se um pouco ofegante, sujo do sangue verde ao redor de seu corpo. Ele olhou para trás e disse:

“Vocês dois escondidos, entrem.”

O capitão, que testemunhara toda luta, entrou junto com Danna, que tinha uma de suas mãos no rosto, em um terror quase histérico.

“Você venha até aqui.” disse Nuru.

O capitão continuava com o machado em prontidão, e lentamente se desvencilhou de sua mulher que chorava baixinho. Joel foi até o feiticeiro, que com apenas uma mão segurava o monstro.

“Você veio para me matar?” disse o feiticeiro em desdém.

O monstro se debateu e Nuru voltou sua atenção à ele. Após alguns momentos de indecisão de Joel, Danna começou uma corrida até a porta e o feiticeiro retirou a adaga do ombro do monstro e com um gesto tão rápido (que pareceu mais um borrão aos olhos do capitão) a adaga agora prendia Danna na parede, como mais um dos bichos para exibição. Joel levantou o machado à Nuru, e ele sorriu enquanto Danna gritava de dor sem parar.

“Não ofenda meus ancestrais.” disse Nuru, e com um levantar de sua mão, sua lança longa voltava a ele imediatamente.

O feiticeiro indicou o machado e a criatura à Joel, que só voltava-se a todo momento a sua esposa e o que deveria fazer. Sua mente sabia que ela estava por um fio, e algo dentro de si que ele ainda não conseguia entender o impedia de enterrar o machado na criatura.

“Isto é interessante. Por que você não termina o serviço?” disse Nuru em meio aos gritos de Danna. Ele foi até a moça, que começou a suplicar.

“Pare. Por favor. Somos inocentes!” suplicou Danna.

Com uma de suas unhas, Nuru fez dois cortes profundos na barriga dela, e o sangue correu forte.

“Não!” suplicou o capitão. “Deixe ela, esse assunto é meu!”

“É isso que acontece quando você é responsável, Joel. Você responde inclusive pelos atos dos outros. Você sacrificou sua mulher desde que decidiu intervir.” falou Nuru com ironia.

A criatura ao lado guinchou, e o feiticeiro falou novamente à Joel.

“Mate-o. Ou ele vai matar você. Ele tem ainda força para se reconstruir. Você não tem muito tempo.”

*“Nos veremos mais uma vez na umbra, Obasi.”* disse Gretzky caído ao chão, apenas um ínfimo de brilho em seus olhos.

O feiticeiro sai pela porta, e após um breve momento ouve-se a ignição do carro e depois o silêncio completo, exceto pelos gritos cada vez mais diminutos de Danna.

Joel Flynn, capitão da brigada de incêndio, tinha agora todas as peças do quebra-cabeça em sua mente. Com o machado erguido, Joel olhava a monstruosidade em sua frente, com dezenas de furos e sem um braço, numa poça verde de fluidos estranhos que provavelmente vinham do inferno.

*Ele ainda tem força para se reconstruir*.

Dana perdera muito sangue, e quase não tinha mais forças nem para gritar. Pelo que vira, a extensão de seus ferimentos era quase fatal, e nem se os paramédicos estivessem aqui neste exato momento ela teria alguma chance.

*Você sacrificou sua mulher.*

O capitão apertava o cabo do machado com força. O bicho tinha o pescoço aberto, e provavelmente ele seria capaz de ir até o fim, de cortar a cabeça do demônio. Mas seria esta a escolha certa?

*Por que ela tinha de pagar por tudo isso!*

O monstro então parou de gemer. Lentamente os furos na barriga foram se encolhendo. Foi neste momento chave então que Joel entendeu tudo e tomou sua decisão.

“Pare! Quero propor um acordo!”

*“Suma da minha frente ou iniciarei minha vingança por toda a sua família.”* disse Gretzky, ainda deitado ao chão.

“Não, eu fiz a minha escolha. Ouça meus termos!”

*“Mortais estúpidos não conduzem negociações com a umbra.”*

“Você está ainda condenado a estatua. Se eu te matar ficará preso talvez para sempre lá. O que é necessário para quebrar o vínculo?”

Houve um silêncio.

*“O que você quer?” disse o monstro mais interessado.*

“Que você salve ela. Você ainda pode!”

*“O contrato blungu precisa ser quebrado do lado da umbra por um mortal. Pegue o resto de terra da estatueta e derrube aqui ao meu lado. Teremos de atravessar ao mesmo tempo e você terá de destruir o altar.”*

“Antes cumpra sua parte.” disse Joel colocando a lâmina do machado no maxilar do monstro.

Harold Gretzky levantou-se desajeitado, e foi até Danna. Os dois estavam caídos lado a lado no chão. O verme saiu da boca do caseiro e voou até cada um dos ferimentos de Danna, derrubando uma seiva verde, fechando-os rápido. O monstro cuspiu mais um pouco de seu sangue verde, exausto. O verme voltou à boca de Gretzky e ele voltou a falar.

*“Esta feito. Traga a terra aqui.”*

Joel largou o machado e correu até a estatueta, que tinha um pouco menos de um punhado de terra misturado com as figuras que Lambert desenhara no chão. O capitão juntou tudo dentro da estatueta, e foi ver Danna, que parecia melhor, mas estava desacordada.

“Danna, acorde!” gritou Joel lhe sacudindo.

*“Eu não tive como buscar sua consciência. Ela se esconde em terror. Ela ainda vai viver muitas décadas, mas ficará catatônica.”*

“Precisa haver um jeito de ela acordar!” disse Flynn aos prantos.

Joel levou suas mãos aos olhos. Cada passo ele se embrenhava em um mundo de loucura que agora lhe era muito real. Sua esposa catatônica era pior que a morte. Fizera tudo errado!

*“Pegue um pouco da terra. Corte seu dedo mínimo. Com o sangue faça um lodo e peça à legião da umbra para ela voltar para você. Coloque na boca dela esta lama, e a faça engolir.”*

Sem hesitação, Joel juntou um pouco de terra. A próxima parte seria difícil, mas ele não tinha escolha, pois a qualquer momento o demônio poderia se recuperar.

“Eu preciso c-conseguir.” disse Joel segurando a cabeça do machado na base de seu dedo junto à pedra. Com um movimento rápido, a dor veio como um coice e a onda de choque subiu pelo seu braço. Joel gritou muito, mas mesmo assim conseguiu levar seu dedo cortado até um pouco da terra que havia separado.

“Volte para mim. Pelos nossos filhos. Volte para mim!”

*“Jure agora sua aliança à umbra, mortal imundo.”* vociferou Gretzky.

Por um momento surreal, o capitão olhou por todos os lados. Ele riu. Chorou.

“P-Pela... umbra...” disse ele baixinho, sem jeito.

E então o lodo começou a reagir, e mudou para uma coloração verde. O capitão juntou o que pode, e colocou na boca dela, fazendo-a beber aquela mistura. Em poucos segundos, Danna voltava a si em gritos, e ela agarrou seu marido em pânico.

“Meu Deus!” disse Danna.

*“Eu ainda posso matá-los!”* vociferou Gretzky.

Joel levantou-se e Danna ficou confusa enquanto ele se distanciava.

“E-eu tenho de ir. Eu sinto muito. É tudo culpa minha!”

Flynn foi tentando se desvencilhar de Danna, que olhava para o horror no chão da sala para onde ele estava indo.

“Para onde você v-vai?” gaguejava a moça.

*“Derrube a terra ao nosso redor.”* falou mais uma vez Gretzky.

“Eu tive de fazer isto. Você estava morrendo.” disse Joel largando toda a terra em sua mão ao redor do monstro em um círculo.

“O que você fez?” perguntou Danna em prantos.

*“Coloque seu sangue mais uma vez no lodo.”* disse Gretzky.

Joel encostou o toco de seu dedo cortado ao chão, e em grande dor, o sangue verteu mais uma vez, e ele circulou o monstro.

*“Corte meu outro braço, ponha fogo no círculo.”*

O capitão executou o movimento rapidamente com o machado, e o monstro rugiu forte quando o braço abriu-se ao meio. O liquido verde misturou-se por todo o lodo devagar, como se estivesse magnetizado. Joel estava ao lado da coisa, e olhou mais uma vez para sua esposa. Danna estendeu sua mão, e Joel a segurou com carinho. Gretzky começou a falar naquela língua estranha os cânticos. Danna e Joel se olhavam assustados, enquanto o monstro rosnava cada vez mais forte.

“Você fez um acordo com o demônio!” gritou Danna.

“Era a única coisa a fazer!” respondeu Joel assustado.

“Não pode terminar assim! Não assim!” gritava Danna.

Joel então acendeu o lodo com seu isqueiro. O portal abriu-se, e Joel e a criatura caíram dentro da terra. Seus dedos escaparam da mão dela, junto com um último olhar em terror completo.

Tão rápido como se abrira, o círculo de fogo fechou-se.

Danna ficou gritando atirada ao chão até que a polícia chegou três horas depois.

Em meio a toda confusão, um pequeno besouro saiu do porão e voou pela rua.

*- 9 -*

*WALTER*

A enfermeira notou a luz vermelha indicando o quarto 1201 depois que a contestante Rosie respondera corretamente na letra B com quantos quartos havia na maior mansão de Beverly Hills na pequena TV preto e branco. Com uma prancheta de remédios em sua mão e caminhando pelos corredores brancos do hospital, ela xingava baixinho sua sorte por sempre pegar os reclamões da madrugada. Aquele paciente perdera a perna, e já havia outras marcações do turno anterior mostrando que ele já tomara o que estava prescrito.

A moça abriu a porta, e Walter Flynn estava de costas. Ela viu o seu remédio que estava preso na haste, pingando lentamente no tubo que ia direto à borboleta em seu braço que estava deslocado para trás, de forma estranha.

“Sr. Flynn?”

A enfermeira contornou a cama e então viu uma grande poça vermelha no chão. Com um grito, ela virou o velho e viu que no rosto cinza e seco de Walter faltavam seus olhos, que agora eram dois buracos vermelhos escuros junto a uma boca retalhada de orelha a orelha, em um grito permanente de horror.

*- 10 -*

*EPÍLOGO*

Eugene Klinsger passou rápido e nervoso pela sala de reuniões onde outros trinta agentes debatiam calorosamente sobre o caso. Gene, que tinha já dois netos e cinqüenta e oito anos em uma cabeça completamente grisalha, usava jeans e uma camiseta branca pois era sábado, e se ele pudesse usaria os mesmos tênis durante a semana, mas seu cargo de chefe da divisão de Buffalo do FBI não permitia-lhe vestir-se assim. O caso do "massacre de Castle Rock", onde até o governador saiu nas emissoras de TV prometendo uma investigação séria e respeitosa a todas as famílias da tragédia, lhe rendera três visitas ao hospital por causa de uma gripe fortíssima, um princípio de úlcera e uma crise de pânico. A cinco dias de completarem seis meses de investigação e prestes a chegarem a um acordo sobre uma versão oficial do ocorrido, Gene entrava no quinto final de semana ininterrupto de trabalho. Sentou-se na cadeira alta e fofa, vislumbrando uma versão miniatura ao que havia exposto na outra sala grande de reuniões: um mural completo de fotos e teorias, pilhas de material técnico sobre todas as possíveis provas do crime, e na sua frente uma lista de seus agentes trabalhando no caso. Ele apertou um botão, e o telefone da sala de reunião na frente de suas persianas tocou.

“Me mande Wendell aqui.”

Após alguns minutos, James Wendell, vinte e quatro anos, entrou usando um terno amassado, e uma pontinha de sua gravata amarela guardada rapidamente no bolso ficou a mostra.

“James, te chamei primeiro por que diz aqui em seu perfil psicológico que possui um raciocínio lógico diferenciado e sua personalidade é fria como o Alaska. Mas, saiba disso: a última coisa que quero aqui é fantasia especulativa, e por isso nós dois vamos resolver o cacete da porra deste caso e depois eu vou tirar uma licença saúde no Hawaii com algumas putas peitudas, praias e *drinks* de guarda-chuvinha.”

“Sim.” disse James cauteloso face ao homem vermelho.

“Escute muito bem o que eu vou lhe dizer: eu quero que você me dê a história curta de tudo que vimos, e se possível mostre as evidências que comprovem sua linha de raciocínio. Eu vou ser o promotor, que terá acesso a toda essa papelada, e vou criticar os pontos que considerar incoerentes. Vai.”

O jovem engoliu em seco e limpou a lousa de rascunho. Ele começou a falar, e pegou as fotos de cima da mesa e anexou na lousa conforme falava.

“O FBI, com base em todas as evidências coletadas no local, tomou conhecimento de que Steve Harrison, Harold Gretzky e Joel Flynn são os principais suspeitos no evento conhecido na mídia como o 'massacre de Castle Rock', onde mais de oitenta corpos foram encontrados em uma casa de descanso no lago Waneta, no estado de Nova Iorque durante o feriado de independência.”

“Me mostre como eles conseguiram a façanha.”

“O *Necronomicon,* por favor*.”* disse Wendell apontando o livro gordo ao lado do chefe da divisão, que lhe entregou o volume pesado onde tinha fotos dos rostos de todas as pessoas e informações técnicas sobre os seus ferimentos.

O rapaz abriu a primeira página.

“Temos razões suficientes para acreditar que Samantha Albuquerque foi a primeira vítima. Esta garçonete apresenta marcas de inserção de seringa no pescoço, ou de outro agente perfurante, tal como a maioria das vítimas. De acordo com os entomologistas, ela foi morta quase quarenta dias antes das autoridades chegarem ao local pela análise das larvas. Ela não foi cortada, o que significa que o desmembramento aconteceu somente nas últimas semanas pelo caseiro.”

“Que morreu exatamente da mesma maneira.” completou Klinsger.

“Sim, e também o mesmo destino de Steve Harrison. Pela análise das roupas dos dois, era Harrison quem atraia as vítimas, as drogava e ocultava na sua camioneta ford. Gretzky retirava os olhos das vitimas e as enterrava. Alguma coisa aconteceu entre eles, pois Steve teve seus olhos arrancados uma semana antes de chegarmos ao local, revelou a perícia. Neste ponto, Joel Flynn, desaparecido, é o único elo possível entre eles, e que no último dia executou o caseiro Harold e fugiu pelas barreiras policiais. Horas depois matou seu próprio pai no hospital, utilizando o mesmo *modus operandi*.”

Gene levantou-se e olhou bem no garoto.

“Filho, por mais que eu goste muito desta versão, todas estas evidências na minha mesa ainda fazem parte integral do processo. Como fica o fato do caseiro ter exames datando que ele morreu a mais de cinqüenta dias? O outro rapaz do carro, Steve – seus exames foram inconclusivos por que ele ficou muito exposto ao sol, mas também datam na casa dos quarenta a quarenta dias.”

Houve um pequeno silêncio.

O jovem mordeu seu lábio inferior.

“Não é crível com as circunstâncias, senhor. No caso do caseiro, seus olhos foram removidos no mesmo dia em que encontramos Danna, a única sobrevivente. As roupas de Gretzky tinham respingos de sangue onde testes comprovam que foram feitos até mesmo no dia anterior. Acharam mais de cinqüenta traços diferentes de DNA naquela camisa. O caseiro foi a parte mais ativa de todo o processo. Além disso, o *rigor mortis* dele era condizente com quatro horas e isso também é uma evidência que não pode ser descartada.” disse James aumentando sua voz.

“Filho, olhe a fotos da necropsia deste miserável. Qualquer estagiário pode ver a secura do homem por dentro. Seu estomago e intestinos estavam parados a tanto tempo que era quase um charque de tripa seca. Olhe este relatório das larvas nos intestinos. Como ele fez tudo isso morto dois meses antes?” disse Klinsger de braços cruzados.

“Sei onde quer chegar. A tese dos zumbis não pode ser levada à serio, Gene.” disse James temerário, porém desafiador.

“Exatamente! Mas são essas as coisas que precisamos ter as respostas! Estas inconsistências vão ser usadas para invalidar a maioria das provas. O que você diria ao promotor ao ser confrontado com estas discrepâncias?”

O jovem olhou por todos os lados, nervoso.

“Gretzky cai como um pato no perfil de alcoólatra, personalidade destrutiva e *borderline.* Steve por sua vez estava desempregado, divorciado e falido, talvez tenha sido seduzido pelo controle e adrenalina, conforme sugestão dos psicólogos em um destes relatórios de perfil dos matadores.”

“Joel Flynn, capitão da brigada é uma venda impossível, guri.”

“Suspeito e fugitivo. Quem mataria Harold e Steve senão ele? Temos as digitais do capitão na roupa do caseiro. Usando o mesmo método dos olhos e corte horizontal no rosto matou seu próprio pai horas depois, como se comprovasse que tudo era pessoal e que enlouquecera.”

“Não encontramos digitais no hospital. Nenhum vídeo mostra ele entrando ou saindo do estacionamento. Outra coisa, houve dano interno da traquéia em absolutamente todos os casos, inclusive de Walter. Paradoxalmente, não temos marcas de dedos evidenciando estrangulamento, e os cortes ao redor da boca são tão irregulares que a perícia simplesmente descartou uso de faca – qual seria sua resposta a isso?”

“Não é relevante, em face de que todos morreram por envenenamento. Joel poderia ter rasgado suas bocas com suas mãos nuas, é uma teoria nova que estamos investigando.” disse James.

O diretor levantou-se.

“A substancia do envenenamento nunca foi descoberta, apenas as marcas de entrada de algum agente intoxicante. Não achamos seringas e nem a quantidade e preparação suficiente de veneno para matar mais de oitenta pessoas. Sem evidência, sem tese!” bateu o diretor em sua mesa.

Os dois se olharam. Não era o primeiro embate técnico que ambos participavam ou escutavam. James bebeu um copo de água e Gene fechou o livro dos mortos. Por um momento eles não fizeram nada, enquanto ouviam do outro lado da persiana outras discussões paralelas, também acaloradas.

Gene foi até onde James estava, e tocou seu ombro.

“Sabe guri, eu fui convencido a ver a fita da moça, apesar de já ter lido os relatórios dos agentes de campo. Foram seis horas de depoimento com poucas interrupções. Passamos o áudio sobre os filtros de detecção de mentiras. Todos os resultados foram negativos. E isso me tira o sono à noite. Ela está no hospital psiquiátrico e calou-se por completo, deixando as crianças com sua irmã. Quem sustentaria uma tese daquelas, mesmo a perder a guarda dos filhos? Nada faz sentido deste ângulo!”

“O demônio no porão, por favor.” disse James negativamente.

O diretor mostrou uma folha de papel e levantou seus olhos ao rapaz.

“A temperatura necessária para derreter o container excede três mil graus Celsius pela composição metálica do container, incluindo diversas peças de titânio. A análise das deformações comprova que o agente incendiário foi usado de dentro para fora, mas lentamente, e não como um explosivo normalmente agiria.”

“Você acha que não sei disso? Não temos tese ainda sobre o artefato incendiário, precisamos de mais tempo!” falou Wendell ofendido.

O chefe da divisão pegou outra foto.

“Individuo branco, cento e sessenta e dois anos de idade por exame mitocondrial, físico corporal de trinta e cinco. Eu disse CENTO E SESSENTA. Arcaria dentária parcial, humana e desproporcional, foi mapeada em marcas ao redor crânio. Perda de oitenta e dois por cento de massa encefálica. Radiação localizada foi registrada por todo o ferimento fatal que atravessou seu peito direto no ventrículo direito matando-o instantaneamente. Estava completamente nu, e sua morte é completamente fora do padrão do massacre, e data no mesmo dia que resgatamos a moça, que nos chamou em primeiro lugar, que isso seja muito bem notado.” disse Klinsger sério e de face rubra.

O rapaz já não o olhava mais. Depois de um momento respondeu.

“Estamos aguardando a quarta verificação na idade deste individuo. A radiação pode estar interferindo no seqüenciamento do DNA. Não dá para levar este dado a sério, por favor. Este problema operacional não deve ser levado em conta no momento para assertiva de qualquer tese.”

Gene levantou seu dedo pedindo tempo junto com um levantar de sua sobrancelha grisalha, e então segurou outro relatório grosso na sua mão, que tirou da última gaveta de sua escrivaninha.

“Análise preliminar na areia encontrada no local indica níveis altíssimos de radiação, e ao mesmo tempo mostra fortes vórtices magnéticos dispersos pela casa onde os crimes aconteceram. Foram registrados campos magnéticos anômalos em até quinhentos metros do local, inclusive na água. Recomendamos uma área segura para desvio da aviação comercial dentro deste setor imediatamente, devido a provável interferência em instrumentos. Todos envolvidos na cena do crime tiveram aumento médio de cinco por cento nas suas células brancas, e estão sendo examinados em ala separada no centro de controle de doenças.”

O silêncio e olhar cabisbaixo de James responderam por ele.

“Eu quase fui para lá. Antes do pessoal de roupa de contaminação. Deus é pai.” disse o diretor.

“O avião P-4567 foi encontrado na parte funda do lago Weneta. O piloto sul-africano foi encontrado morto, preso nas ferragens. Sua identidade é ainda pendente, e aguardaremos a *Interpol* no caso."

O diretor tocou sua boca com dois dedos, talvez inconscientemente tentando parar de ler aquele relatório impossível e que provavelmente encerraria sua carreira. Ele fungou, deixou o relatório na mesa com bastante cuidado, como se fosse uma bomba.

"A moça falou a verdade, o container também não era um simples refrigerador, pois possuía partes de componentes feitas sob medida e de custo superior a trezentos mil dólares segundo nossas estimativas mais baixas. Estamos buscando fabricantes artesanais e não descartamos ainda que o artefato tenha sido produzido na Europa ou mesmo na Rússia.”

James tomou mais um gole de seu copo de água.

“O líquido viscoso encontrado no local do crime, de aparência lodosa e cor verde musgo, contem traços de DNA de mais de sessenta vítimas, e é compatível com células encontradas no globo ocular. Concluímos que a substância parece ser uma espécie de gordura residual de altíssima compactação, de origem artificial e provável produto de alta tecnologia em modificação genética. Nossos cientistas estão entusiasmados com as descobertas e novos campos de pesquisa são criados a cada amostra nova recolhida.”

Gene largou seus óculos à mesa, praguejou e jogou o relatório no lixo com muita força, de rosto vermelho, enlouquecido. James deu rápido dois passos para trás, enquanto o diretor gesticulava.

“Aparentemente Joel Flynn, que falhou três vezes seu teste de submissão ao FBI, conduzia experimentos nucleares e genéticos na sua casa de descanso com apoio de seu caseiro zumbi, enquanto comia olhos e cérebros no feriado de independência fazendo sexo com um inglês de quase duzentos anos enquanto sua esposa doida varrida culpou o demônio por tudo! VOCÊS QUEREM ME LEVAR A LOUCURA FILHOS DA PUTA!”

Os gritos dele pararam as discussões na sala de reunião em frente. Klinsger, tossindo muito e completamente exausto, tomou um gole de água em mãos tremulas, e buscou um último relatório enquanto James recolocava sua gravata de forma desconfortável, já olhando para a maçaneta da porta. Ele começou a ler com uma mão tremula em sua testa, parecendo segurar sua sanidade dentro da sua cabeça sem muito sucesso.

“A estatueta de bronze *Egungun* faz parte da mitologia...”

James Wendell deixou o diretor falando sozinho e bateu a porta sonoramente. O diretor sorriu amarelo, fumou um cigarro pacientemente até o fim, tossiu e então chamou o próximo agente pelo interfone.

Eugene Klinsger sofreu um infarto fulminante três dias depois. Após sua morte, todos os arquivos foram confiscados e as investigações foram classificadas pelo exército como matéria de segurança nacional.

\* \* \*